



Na
Ponta das
Canetas

Crônicas

dos **Concursos** 2024 • 2023 • 2022
do **MUSEU do FUTEBOL**



NA PONTA DAS CANETAS

Copyright © Museu do Futebol, 2024.
Na ponta das canetas – Crônicas dos Concursos do Museu do Futebol, 2024, 2023 e 2022 © dos autores, 2024.

Editores: Alessandro Romio, Eduardo Lacerda,
Franklin Valverde, Ricardo Escudeiro

Assistentes editoriais: Amanda Vital,
Gabriel Santana, Içara Bahia, João Vitor Nascimento,
Raquel Alves, Ricardo Escudeiro

Capa, projeto gráfico e diagramação:
Alessandro Romio | Instagram: @romioland
Ilustração de capa a partir de fotos de
Anton Vierietin/ Shutterstock e Jeffrey F Lin/ Unsplash

Revisão: Ricardo Escudeiro

Administrativo e comercial: Pricila Gunutzmann

Administrativo e Marketing:
Sofia Fernandez Gunutzmann

Expedição: Sheila Gomes

Eventos: Flavio Rodrigues

Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

M986n Museu do Futebol

**Na ponta das canetas – Crônicas dos Concursos
do Museu do Futebol, 2024, 2023 e 2022 /
Museu do Futebol (org.). – São Paulo: Patuá, 2024.
128p. ; 16 X 23 cm.**

ISBN 978-85-8297-985-3

**1. Crônica. 2. Literatura brasileira.
I. Museu do Futebol. II. Título.**

CDD: 869.98

Índice para catálogo sistemático
I. Crônica: Literatura brasileira

Todos os direitos desta edição reservados à:

Editora Patuá – Livraria Patuscada
Rua Luís Murat, 40
Vila Madalena – São Paulo – SP
(11) 96548-0190
editorapatua@gmail.com | www.editorapatua.com.br

Na Ponta das Canetas

Crônicas dos Concursos
do MUSEU do FUTEBOL

2024, 2023 e 2022

MUSEU DO FUTEBOL | CONCURSO DE CRÔNICAS ESPORTIVAS 2024

PROAC
SP

Gestão

idbrasil
Organização
Social de Cultura

MUSEU DO FUTEBOL

Parceria

PLACAR

PATUÁ
FUTEBOL

Concepção

**Fundação
Roberto
Marinho**

Realização

CULTSP

Secretaria da **SP** **SÃO PAULO**
Cultura, Economia e Indústria Criativas GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS

SUMÁRIO

Concentração

- 9 Universo Futebol Clube
por *José Roberto Torero*

Aquecimento

- 15 A bola e o acadêmico
por *Ignácio de Loyola Brandão*

Apito inicial

- 27 Prefácio para Antologia do Museu do Futebol
por *Luiza Romão*

2024 - A várzea e o futebol

- 35 O melhor jogador de todos os tempos
- *Viviane Ferreira Santiago*
- 38 O chute mágico - *Arzório Cardoso*
- 40 O mascarado do Necropolitano - *PH Gomes*
- 43 Caititu e Paturi - *Francisco Leite Duarte*
- 46 A assistente do treinador - *Mariana Carvalho*
- 49 Olé - *Ana Fonseca*
- 51 Vivaldão - *André Telucazu Kondo*
- 54 Seu Vardevarzio - *Custódio Rosa*
- 57 Condomínio fechado - *Leandro Marçal Pereira*
- 59 Heranças - *Mateus Ribeirete*
- 62 Pastoral varzeana - *Mauro Donato*

- 65 O gol de Ribamar - *Paulo Neumann*
68 Fabrício não queria ir à escola - *Pedro Corat*
71 No interior, futebol é questão de patrocínio
- *Quefren Arsênio Rodrigues*
74 A grande virada - *Ricardo Ferrer*
77 Nosso Maradona - *Sérgio Gorni de Almeida*
80 O grande detalhe - *Vanessa Didolich Cristani*
83 O time dos coroinhas - *Francisco Falabella*
85 Várzeas e vazantes - *Francesco Jordani Rodrigues*
87 Zagueiradas - *Elisa Massa*

2023 - As mulheres e o futebol

- 93 Mina boleira - *Clélia Marques Gorski*
95 Pênalti - *Julia Leite*
98 Dona Ketu, onde é que a coruja dorme?
- *Juliana do Nascimento Correia*
101 A felicidade, a liberdade e o futebol - *Cris Monte Mor*

2022 - Torcida

- 107 Um time para cada eu - *Kíssila Muzy*
110 Um ilustre torcedor - *Matheus Dias*
112 Gostaria de tê-lo aqui - *Stephanie Calazans*
115 Torcedor por adoção - *Luciano S. R. Dias*

Prorrogação

- 121 Golaço
por *Franklin Valverde*

CONCENTRAÇÃO

UNIVERSO FUTEBOL CLUBE

José Roberto Torero

Minha carreira futebolística acabou no meu primeiro teste.

Eu estava com 14 anos. As coisas que eu mais gostava eram a aula de redação e jogar futebol. Já sabia que não seria o sucessor de Pelé, mas ainda tinha alguma esperança de ser volante nalguma equipe de segunda categoria, afinal, corria muito, dava carrinhos certos e de vez em quando fazia uns gols estranhos. Enfim, era um cara sem talento, mas dedicado, desses que passaram aos montes pelo seu time e você nem lembra o nome.

Então surgiu a chance de fazer um teste no Universo Futebol Clube, um esquadrão da periferia de Santos. Era minha chance de entrar no universo do futebol. Dois amigos meus já estavam na equipe: Paulo era o zagueiro e Reginaldo o centroavante. Eles me disseram que faltava um ponta-esquerda. Não era minha posição, mas, como sempre me mandavam para lá (a ponta-esquerda é o país dos grossos no mundo das peladas), até tinha certa intimidade com a posição.

Durante o longo percurso do ônibus eu me imaginei deixando um zagueiro no chão, chutando por cobertura e comemorando o gol sem muito alarde, como se aquilo fosse coisa que acontecesse todos os dias.

O campo ficava ao lado de um ferro-velho, de modo que, subindo num monte de terra que fazia as vezes de arquibancada, podíamos ver um mar de Fuscas, Gordinis, Fissores e Vemaquets enferrujados.

Foi emocionante quando o Técnico me passou o uniforme do time. Era todo vermelho, como o do Bayern de Munique, o melhor do mundo na época, com Sepp Maier, Gerd Muller, Beckenbauer, Breitner e Karl-Heinz Rummenigge, que me dava gosto falar, porque parecia um cachorro bravo rosnando.

Aquele uniforme escarlate só podia ser um sinal de que eu acabaria jogando no Bayern.

Pois bem, o jogo começou e eu arrasei. Arrasei o meu time. Não acertei um drible, não acertei um passe. A única coisa que acertei foi quando uma bola sobrou livre na pequena área: acertei a bola no nariz do goleiro.

O jogo acabou e meus amigos me avisaram, sem muita esperança: “Se o Técnico gostou do seu jogo, vai dizer para você voltar na semana que vem”.

Entreguei o uniforme vermelho para o comandante supremo na esperança de escutar um “Conto com você no próximo sábado”. Mas o homem só recolheu a camisa sem dizer nada. Não aceitei a sutileza do silêncio e perguntei:

— Volto na semana que vem?

Ele, com a crueza de quem destrói sonhos adolescentes todos os dias, respondeu secamente:

— Não.

O universo do futebol tinha me rejeitado. Naquele instante, pensei que o uniforme vermelho não era uma referência ao Bayern, mas ao vermelho do semáforo, aquele que diz pare.

Então começamos a ouvir uns gritos. Subimos todos no montinho que nos separava do ferro-velho e vimos uns dez policiais chegando com um cara de mãos algemadas, que usava a

camisa de um time grande. O Técnico fez uma cara triste quando viu o prisioneiro. Na hora imaginei que talvez fosse alguém que ele conhecia, e que também tivesse rejeitado para o Universo.

O prisioneiro entrou numa carcaça de carro e de lá tirou um saco cheio de pó branco. Os policiais guardaram o saco, fizeram um círculo em torno do algemado e começaram a chutá-lo. Ele caiu. Mas os chutes não pararam. E eram chutes com botas, não com chuteiras. Chutavam sem parar. Perceberam que estávamos assistindo e nem se importaram. Continuaram chutando, chutando, chutando.

O Técnico mandou que saíssemos dali.

Ainda ouvindo os chutes, mas sem ouvir mais os gemidos do chutado, fomos embora.

Voltei de ônibus para meu bairro de classe média sem lamentar minha dispensa. O Universo Futebol Clube tinha fronteiras perigosas.

E nunca fiz outro teste para ser jogador. No máximo, quem sabe, poderia escrever uns textinhos sobre o assunto.

AQUECIMENTO

A BOLA E O ACADÊMICO

Ignácio de Loyola Brandão

Minha paixão pelo futebol tinha começado antes, mas se sedimentou a partir de um instante mágico. Passo a passo, se aprofundou ao longo da vida e deve ter sido até uma das coisas que me levaram para a Academia Brasileira de Letras.

A tarde do maravilhamento tem data: 21 de novembro de 1944. Eu tinha oito anos e fomos ao amistoso que reabriu o Estádio Municipal de Araraquara, cidade onde nasci. O Paulista FC, time local, jogava contra o São Paulo.* Eu estava com meu pai e meu irmão, Luís, atrás do gol do SPFC – e, ali, fui capturado para sempre.

Mandaram um chute para o gol de Nivancir Fernandes, o King, legendário goleiro do São Paulo. Era um negro gigantesco, que havia ganhado o apelido por causa de King Kong, o filme de 1933, dirigido por Merian C. Cooper e Ernest B. Schoedsack.

A bola veio zunindo e a torcida do Paulista se levantou, já comemorando – o tiro ia entrar no ângulo. Então vi King saltar de uma trave à outra, parar no ar e encaixar a bola, que lhe bateu no peito com estrondo.

* Pude determinar a data graças ao livro *Araraquara futebol e política*, de Luís Marcelo Inaco Cirino (Araraquara: SJS, 2008).

— Que petardo! – gritou papai.

Os torcedores urraram, e naquele momento decidi: “Quero ser goleiro!”

Bola de pano, papel ou capotão

Na minha infância, cada bairro tinha vários times, que se reuniam aleatoriamente. Alguns eram de crianças desta ou daquela rua; outros, de agremiações escolares ou religiosas; e muitos, de filhos da classe média, com uniforme e bola de verdade.

Nós, da minha rua, jogávamos bagunçados, levando bolas ou de pano, costuradas por alguma tia, ou de jornal, amassado para ficar esférico e arrematado com barbante. Com dez minutos de jogo, a bola de papel não existia mais – precisávamos de outra, e outra, e outra. Um dia da semana, arranjávamos jornais velhos, saíamos e passávamos horas a produzir esferas de papel, que seriam massacradas. Nem existia durex para facilitar.

Nosso sonho era a bola de borracha. Já a de capotão ou couro era utopia, ainda que desconhecêssemos essa palavra. Nossas partidas eram correrias desordenadas, sem regras, táticas, normas, o que fosse. Não lembro se já havia organizações esportivas cuidando de ligas ou de medidas disciplinadoras. Isso só conheci na juventude, depois dos 15 anos.

A gente assistia a jogos no largo de São José, onde amadores adultos treinavam. Vez ou outra, havia disputa entre bairros. Campos carecas, desnivelados, esburacados, de onde todos saíam ralados. Imagínávamos que jogar era apanhar a bola e correr para o gol. Quem driblava dificilmente passava a bola. Cada um queria ser o máximo.

O odiado “esforço de guerra”

Crente de que o gol era a melhor posição – não precisava correr, disputar a bola, levar trambolhões –, fui goleiro do bando de moleques da avenida Guaianases, atual Djalma Dutra, e das ruas 7 e 8. Ficam no São José, bairro onde nasci e onde morei até os 21 anos.

Quem estava em meu timinho eram meus primos José, Ito e Tony; os vizinhos Vado e Ataliba; Ruy, filho do barbeiro Lazineiro; os negros Pico e Zé Maria; e Quico, Zinho e Tarso, os três filhos de dona Alzira, cujo marido era chefe da Companhia Paulista de Força e Luz, uma família que, para nós, era rica – espantosamente, tinham telefone.

No final da tarde, quando as mães chamavam os filhos para o banho e o jantar, todos ouviam dona Alzira gritar do portão, emendando os nomes dos meninos e provocando risos:

— *QuicoZinhoTarso!*

Contei isso num livro intitulado *A rua de nomes no ar* (1988). Daquela turma toda, somente Tony e eu continuamos vivos. A molecada jogava em terrenos baldios, galinheiros ou algum canto de pasto na periferia. Havia centenas de campos assim pela cidade. O que usávamos tinha sido criado por nós mesmos, derrubando mamoneiras e cercando com chuchuzeiros.

Saíamos machucados das pelejas, para desespero das mães, que gastavam conosco vidros e vidros de iodo e água oxigenada. As bolas, quando de borracha, ardiavam no corpo. Vez ou outra, surgiam fiscais da prefeitura e as confiscavam, explicando que seriam entregues ao “esforço de guerra”. O que era aquilo? Professores e pais nos diziam que o governo juntava milhares de bolas e fundia a borracha, a fim de produzir pneus para jipes, caminhões e ambulâncias durante a Segunda Guerra, que acontecia distante de nós mas preocupava os adultos. Como era

fácil ser adulto! Não precisavam explicar nada (ou, vá lá, quase nada). Ficávamos inconformados.

O mundo era complicado. Já futebol, sabíamos o que era. Marcar gol e ganhar o jogo. Emoção ou decepção. E o goleiro? Não precisava correr, driblar nem trombar com os outros, mas o que levava de bolada no peito, na cara, no saco (nossa!), no estômago... Eu me atirava para todos os lados, me machucava, mas não importava. Era considerado bom.

Aí tive um momento de revelação: aquela defesa impossível de King. Depois, ao longo do tempo, tive outros ídolos da mesma posição: Oberdan, do Palmeiras; Castilho, do Fluminense; Félix, apelidado Papel, foi da Portuguesa, do Fluminense e da seleção; Machado, do Botafogo de Ribeirão Preto; Manga, do Botafogo do Rio de Janeiro; Marcos, do Palmeiras; e, mais que todos, Gilmar, do Corinthians e do Santos, que estava no gol em 1958, quando ganhamos nossa primeira Copa do Mundo.

Sem esquecer Sandro, o Tchê, um uruguaio musculoso, da Associação Desportiva Araraquara (ADA), que se tornou também fotógrafo e, aposentado do futebol, trabalhou comigo como jornalista em *O Imparcial*, ainda em Araraquara. Sandro assistia a jogos ao meu lado, me dava dicas sobre posicionamento e explicava malandragens, truques. Fui também amigo de cinco goleiros da Ferroviária: Fia, Sérgio, Rosan, Carlos Alberto e Edson, esse último uma amizade da infância e da vida inteira, até sua morte recente.

Daquele timinho fui para outro, na escola. Depois mudei de escola, fui fazer ginásio, fiquei um tempo fora do gol. Cresci, e meu pai e as professoras Lourdes Prado e Ruth Segnini me levaram para a leitura: delirei com *Branca de Neve*, *Alice no País das Maravilhas*, *As viagens de Gulliver*, *As mil e uma noites*, *Tarzan*, *Capitão Blood* e histórias de terror.

Na hora de fazer o colegial, optei pelo curso Científico, no

Instituto de Educação Bento de Abreu (Ieba). Lá nos deu aulas a dona Mariquita, mãe da futura primeira-dama Ruth Cardoso e estudaram o diretor de teatro Zé Celso e o jurista Sydney Sanches, que chegando à presidência do Supremo Tribunal Federal proclamou o *impeachment* de Collor.

No Ieba, fui companheiro de classe de Olivério Bazzani Filho, que não demoraria a se tornar meia-esquerda na Ferroviária. Um dos maiores do interior em sua posição, seria jogador mítico – e, de certa forma, místico. Hoje, o busto de Bazzani está na entrada do estádio da Fonte Luminosa, atual Arena da Fonte.

No terceiro ano do Científico, Bazzani organizou um time e me chamou para o gol. Com o pé na realidade, recusei:

— Olhe a minha altura. Olhe o tamanho do gol. Se vier bola alta, vai entrar. Se vier rasteira, por mais que me estique, não vai adiantar.

Estava apavorado desde que tomara consciência real das dimensões do gol, os 7,32 metros entre as traves e os 2,44 metros de altura do travessão. Tinha me visto embaixo do travessão e percebido a grandiosidade do voo de King.

Bazzani deu uma gargalhada:

— Ignácio, sei de sua altura. Se você entende de futebol, vai ver que estou no meio de campo, onde tudo se resolve. Eu controlo o jogo. Sei o que falo! Acha que alguma bola vai chegar ao nosso gol? Pode pegar um banquinho e sentar lá.

Realmente, só chegaram as bolas que me recuaram. Fomos campeões sem que eu tivesse dado nem um salto de dez centímetros.

Muito mais tarde, Bazzani nos confessou que, quando a Ferroviária entrava em campo para enfrentar o Santos, todos ficavam de olho em Pelé: se ele trouxesse a bola na mão, ia ser difícil, muito difícil.

Fui reprovado no final do ano. Bazzani passou, foi fazer odontologia e, ao mesmo tempo, jogar profissionalmente, e o time do terceiro Científico desapareceu.

O Aranha Negra despencou da teia

Aos 21 anos, vim para São Paulo. Tornei-me repórter da edição paulistana do *Última Hora*, criado no Rio por Samuel Wainer, uma lenda do jornalismo. Ele veio revolucionar o design gráfico muito antes do *Jornal do Brasil*, ainda que seus concorrentes daquele veículo carioca depois dissessem o contrário. Fotos ampliadas tornavam a primeira página uma atração, e o jornal vendia feito água. Em 1971, durante a ditadura militar, o *Última Hora* paulistano desapareceria nas mãos da *Folha de São Paulo*.

No meu tempo, o diretor de redação era Álvaro Paes Leme, sujeito grandalhão, imponente, de voz possante, que dirigia também a divisão de árbitros da Federação Paulista de Futebol. Em 1957, quando cheguei de Araraquara procurando emprego e fui ao *Última Hora*, o chefe de reportagem, Celso Jardim, se encantou com uma crônica que eu tinha escrito sobre o jogo em que a Ferroviária, no ano anterior, derrotou por 6 a 3 o Botafogo de Ribeirão Preto e subiu para a divisão principal do campeonato paulista. Eu era também crítico de cinema e andava impressionado com o filme *Fabiola* (1949), dirigido por Alessandro Blasetti e estrelado pela linda Michèle Morgan. A história se passava na Roma do século IV, e, por isso, falei do jogo como se tivesse sido uma batalha de gladiadores. Jardim disse a Paes Leme:

— Atenção a esse menino. Tem um texto diferente.

Fiquei como repórter, e, certa noite em 1966, Paes Leme

me chamou e me mandou ao estádio do Pacaembu para fazer a cobertura do jogo entre o Palmeiras e a seleção soviética. Todo mundo só falava disso. A atração era o legendário goleiro Yashin, o Aranha Negra, sempre vestido de preto da cabeça aos pés. Em 1970, encerraria a carreira com 812 jogos, tendo sido 270 sem levar gol, e uns 150 pênaltis defendidos, a maioria encaixados. Um inexpugnável. Eu tremia de emoção imaginando o Yashin.

Mas, em campo pelo Palmeiras no Pacaembu, estavam o volante Dudu, nascido em Araraquara e falecido agora em 2024; o centroavante Ademar Pantera, negro fortão que me fez lembrar King; e o ponta-esquerda Rinaldo. Eles marcaram os 3 a 1 que fizeram o Aranha se enredar na própria teia, derrotado. Meu texto teve chamada na primeira página, o que mais ansiávamos como jornalistas, e o menino do São José, de olhos vidrados, tinha visto um dos maiores goleiros de todos os tempos. Fiquei feliz.

Wainer, Paes Leme e Jardim vinham programando uma grande cobertura para mapear todos os times da várzea paulistana. Algo imenso, e eu estava na equipe que percorreria todos os bairros e agremiações. Mas a ditadura tinha se instalado em 1964, Wainer se exilou no mesmo ano, muitos jornalistas desapareceram, e fui chamado ainda em 1966 para a revista *Claudia*, feminina, da Abril. Aquele projeto do *Última Hora* desapareceu.

Nos tempos de *Claudia*, fiz amizade com o jornalista Vital Battaglia, que uma noite, no restaurante Gigetto, me apresentou a Mauro Pinheiro, apelidado O Senador e considerado um dos melhores cronistas esportivos do Brasil. Pinheiro trabalhava na Bandeirantes, e foi ele que um dia me levou ao *Desafio ao Galo*, campeonato lançado pela TV Record em 1972 e transmitido nos finais de semana. Nele se enfrentavam os melhores da várzea. O *Desafio* tinha sido criação de Nilton Travesso, diretor de televisão na Record, um gênio.

— Aqui você vê o futebol de raiz, em sua origem – disse-me Pinheiro –, fique atento, porque, com o “progresso” da cidade, ele vai se extinguindo lentamente. É, coloque *progresso* entre aspas.

Fui aquela primeira vez num sábado de manhã. Era outra atmosfera, povão misturado a craques que já tinham muita história no futebol, como César Maluco – ou que ainda despontariam, como Casagrande, Cafu, Viola. Encontrei-me várias vezes ali com Alberto Helena Júnior e com Fausto Silva, o criador do fantástico *Perdidos na Noite*, bagunça deliciosa, de alto nível, bom para promover livros.

Certa vez, na Arena da Fonte, em Araraquara, estava na cabine de som e vi o ponta Passarinho avançar até a linha de fundo, cruzar e Teia, o centroavante, cabecear. Gol. Fiquei ouvindo ao meu redor os cronistas “sábios” analisando o gol, a perfeição da estratégia ensaiada, comentando a perfeição dos deslocamentos. Uma aula de futebol.

Mais tarde, no vestiário, eu podia entrar, era o escritor da cidade, jornalista, afeano. Ouvi um repórter perguntar a Passarinho:

— E como foi o gol? Tudo calculado?

— Eu corria, levando bordoadas, quando senti que ia cair, centrei, querendo que alguém entrasse.

Em seguida, ouvi a resposta de Teia:

— Estava ali naquele bolo, um puxando meu cabelo, outro dando bordoadas na canela, e fechei os olhos, me atirei, acertei.

Naquela noite escrevi um livro que ainda circula por aí: “É gol”, desmistificando essas análises cheias de trique-triques. O livro ainda vende muito, principalmente para escolas. O título “É Gol!” quis mostrar como os Galvões Buenos inventam, criam, se exibem como doutores. Há dois jogos, o do

rádio e o da tevê e aquele que o espectador vê, ouve, recebendo outra realidade.

Foi um tempo meu de muitas viagens, quando morei em Berlim; mas, estando em São Paulo, pegava o metrô e descia na estação Ponte Pequena, hoje Armênia. Os jogos eram no campo da antiga CMTC, a empresa municipal de ônibus urbanos, às dez da manhã de sábados e domingos.

Eu viajava muito a trabalho e perdi jogos, que me disseram ter sido memoráveis, em outros tempos, como no Parque da Mooca e no Campo Limpo. Mas fiquei conhecendo ídolos idosos, ouvi muitas histórias. Também fui vendo desaparecerem os campos que existiam nos arredores do Nacional da Lapa, ou na Vila Madalena e Pinheiros, ou na Freguesia do Ó.

Grande parte deles estão agora submersos em mansões de condomínios milionários; outra parte jaz debaixo de arranha-céus escandalosamente grandes. Poucos sabem quantos milhares de gols e quantos gritos, aplausos e lágrimas estão debaixo de concreto e pedra nesta cidade.

APITO INICIAL

PREFÁCIO PARA ANTOLOGIA DO MUSEU DO FUTEBOL

Luiza Romão

Em seu livro *Deus é redondo*, o pesquisador e escritor mexicano Juan Villoro argumenta que o futebol “é, em si mesmo, assunto de palavra. Poucas atividades dependem tanto do que já se sabe como a arte de reiterar as façanhas em campo”. Também complementa que esse gosto de narrar não se restringe aos profissionais do jornalismo esportivo, mas a “qualquer aficionado que tenha o atributo suficiente e dramático de ter boca”. Sobre os motivos desse vício pela palavra, Villoro coloca: “Por que não nos calamos de uma vez? Porque o futebol está cheio de coisas que francamente não se entendem”.

Viradas homéricas, jogadas mirabolantes, falhas imperdoáveis: qualquer torcedora ou torcedor tem um punhado desses causos para compartilhar. Muitas vezes, os eventos são tão improváveis que ao tentar presentificá-los, a própria linguagem parece falhar. Afinal, como dar contorno verbal à experiência alucinante do futebol? Como transmitir a emoção do jogar e do torcer em palavras? Parece impossível. Daí precisarmos, no dia seguinte, destrinchar o ocorrido lance a lance: em blogs, mesas de almoço ou encontros de corredor.

Eu mesma passei por um episódio desses há algumas semanas e a emoção foi tão forte que rascunhei o seguinte.

Se me perguntarem o que lembro daquela noite, direi que lembro de vestir um moletom verde. E que lá por volta das nove, me deram um sinalizador, igualmente verde, que espirrava faísca para tudo quanto é lado. Lembro de lacrimejar, de tossir e de cantar, tudo junto ao mesmo tempo. E de cobiçar o espetinho de linguiça do outro lado da calçada. Lembro de proteger o copo de chopp e descer a rua desviando de torcedores e carrinhos de comida. Chego na porta do estádio uns quinze minutos antes do jogo, me despeço da rapaziada e lembro de lamentar não ter conseguido ingresso no setor de sempre. Maldita arenização! Então me misturo à multidão e, meio apreensiva, meio eufórica, sigo para outro lado da arquibancada.

Depois disso, não lembro de muita coisa. Ou melhor, só recordo quando conto. O que faz duvidar se é mesmo memória ou algum artifício de ficção, capaz de tornar esse relato mais redondo. Por via das dúvidas, continuo a história.

Era quarta-feira, 21 de agosto de 2024 e o Palmeiras enfrentava o Botafogo no jogo de volta da Libertadores. O placar cumulativo favorecia o time carioca e nós precisávamos de ao menos um gol para levar o confronto pros pênaltis. Lembro do apuro no primeiro tempo: a bola cruzava a área e ninguém metia ela pra dentro. O cronômetro corria e o gol parecia encantado, fechado pra qualquer comemoração.

No intervalo, resolvi trocar de lugar e maldisse essa mudança quando a esquadra carioca abriu o placar. Lembro então de paralisar. Sentir todas as forças vitais do meu corpo drenando pro centro da terra quando o Botafogo anotou mais um. O silêncio generalizado só foi quebrado pelo lixamento de dois torcedores abandonando o estádio. Lembro de invejar a raiva deles.

Eu, largada na última cadeira, não tinha forças pra mover um dedo: “agora só com um milagre”.

O problema com os milagres futebolísticos é que eles existem. Mas saber da sua existência, não conforta e muito menos dá garantias. Se é esperado, se é provável, não é milagre, poxa. E naquela noite não tinha jeito. Eu já tinha entregue os pontos, deixado o cavalinho ali plantado no meio da tempestade. Só pensava no longo trajeto de volta à minha cama. Mas não.

Não é que de repente o impossível aconteceu? Faltando menos de dez minutos pro apito final, o Palmeiras meteu um gol. Dois. Três. Se lembro? Ó se lembro, lembro muito bem de cada detalhe dos minutos que se seguiram. Mas e conseguir descrevê-los? Aí é outra história. Grito, abraço, choro são palavras miúdas demais pro tamanho do arrebatamento. Mesmo alegria ou apoteose parecem não parar em pé. Aquilo foi coisa que não se explica, coisa que não se entende, coisa que pede pra ser contada e recontada muitas vezes pra ver se ganha alguma materialidade.

Acometida por essa vertigem que só de falar me volta ao corpo, opto por encerrar o relato aqui. Antes que me lembre da anulação do lance pelo VAR e da trágica desclassificação que se seguiu.

Assim como meu relato, muito são os escritos que se voltam para jogos decisivos, para o frenesi dos torcedores ou a desolação do revés. Ora como anedota ora como canção, as narrativas sobre futebol se multiplicam na história da literatura brasileira. E, entre as tantas formas de enunciar as façanhas da bola, contudo, a que mais se destaca talvez seja a crônica.

Villoro suspeita que isso se deva ao fato de que “o cronista (interessado em contar o já sucedido) encontra no futebol estímulo inesgotável”. Mais do que criar tramas paralelas e uma

complexa gama de personagens (como exigido no romance), a crônica se debruça sobre o fortuito e conhecido, imprimindo-lhe um ponto de vista pessoal. Num país cujo calendário é marcado por campeonatos e temporadas futebolística, não é de se estranhar que tantas celebridades da literatura tenham dedicado linhas e linhas a esse esporte. A título de exemplo, podemos recordar as famigeradas análises de Nelson Rodrigues, os relatos sobre a Copa do Mundo de Carlos Drummond de Andrade e os textos esparsos de Raquel de Queiroz e Tarsila do Amaral.

A partir de agora, nossa tradição de crônicas esportivas conta também com esta antologia do Museu do Futebol. O livro reúne os textos premiados na terceira edição do Concurso de Crônicas do Museu cujo tema foi “O futebol na várzea”.

Diferente do ambiente esterilizado, elitista e burocrático da arena, a várzea aparece como o lugar da paixão e do inesperado. Isto é, se contrapõe à lógica predatória do futebol moderno, cada vez mais refém de injeções financeiras e alto rendimento esportivo. No texto de Ricardo Ferrer que integra esse volume, por exemplo, vislumbramos um futuro distópico no qual a tabela final de classificação do campeonato coincide com os cálculos feitos “com base no investimento e organização das SAFs”. Em resposta à morte do tecno-futebol, os olhos se voltam para o jogo gratuito que resiste às margens das grandes arenas e patrocinadores.

Trata-se dos campinhos erguidos nos corações dos bairros e nos terrenos baldios que, frequentemente, recuperam a dimensão lúdica e gratuita do jogo. Como comenta Vanessa Didolich Cristani na crônica *O grande detalhe*, “Nos campos de meu Deus, embrenhados entre a igreja e a escola, ao corner da rua sem saída, na pracinha da vila ou da favela, não importa, a entrada é sempre gratuita”. Caracterizadas pelos mais diferentes formatos, esses campos ovais, quadrados, redondos,

compõem paisagens de terra batida, declives e pedregulhos, tal qual descreve Custório Rosa:

“Formigueiros e cupinzeiros destruídos, pedras arrancadas e o mato baixo deixado como ‘gramado’ até que o tempo e os pés, calçados ou não, fizessem seu trabalho de assentar tudo e sobrar só o terrão. Os gols, montados precariamente com taquaras e bambus, se estilhaçavam quando acertados em cheio nas suas juntas, obrigando depois a um exercício de projeção mental dos dois times sobre a altura da trave. A situação precária das arenas varzeanas acabava sendo inspiração para os nomes de muitos dos times que se formaram, alguns permanecendo ativos e gloriosos até hoje: Bambu FC, Taquaral, Mata-Cupim, Pula Corgo, Sai Carrapato, Sola Cascão, e o Botas do Judas Futebol e Samba, que depois de anos acabou sendo controlado por evangélicos e mudou para Cruz Dourada Futebol e Reza.”

Assim como os jogadores, ao longo das mais de vinte crônicas, imaginamos a altura das traves e nos deliciamos com as histórias que ocorrem à volta das quatro linhas: as tensões entre os bairros rivais, a escolha pitoresca do nome das equipes, as mandingas e estratégias para assegurar o resultado. Entre mascarados e coveiros, com a ajuda de coroinhas ou do olho de águia de Vardevásio, nos juntamos ao “torneio dos quase”: “dos que quase viraram (...) com os que quase pararam”, como Mateus Ribeirete define.

Além disso, a várzea se apresenta como lugar de aprendizado, lazer coletivo e articulação política. Através da prática solidária e comunal do futebol, as personagens tentam driblar a fome, a dura precariedade econômica e o avanço destrutivo da especulação imobiliária. Uma vez que, na lógica higienista das metrópoles urbanas, os campinhos sucessivamente são

expropriados e dão lugar a condomínios e grandes empreendimentos privados, como tematiza a crônica “Pastoral varzeana” de Mauro Donato.

Para além dos gols, as crônicas mostram como uma rede afetiva é tecida na arquibancada através da cultura torcedora: é o filho que vê o pai fazendo o gol da vitória, é o pai que não apita as entradas duras da filha, é a mãe que acompanha o filho com Síndrome de Down nos jogos, é o pai que cobra o pênalti contra o filho, é a filha que dribla as predileções da mãe para ser assistente técnica, e é a mãe que chega com chuteiras redentoras para o filho.

Do humor à crítica sócio-econômica, do insólito à nostalgia, este conjunto de textos tece na linguagem as emoções de peladas que não passam na TV. Se o mexicano Villoro diz que o futebol é “assunto de palavras”, o brasileiro Leandro Marçal Pereira complementa que as histórias da várzea ficam “mais saborosas quando contadas no almoço”. Portanto, puxe sua cadeira de praia, se acomode no banco de reservas ou na cerca próxima ao campinho, e se deixe fascinar por isto que, nas palavras de Francesco Jordani Rodrigues, é “mistério fantasiado de esporte”.

2024

A VÁRZEA E O FUTEBOL

Comissão Julgadora:
Cecília Farias, Júlia Belas, Júlia Rosa, Klaus Richmond,
Nelson Nunes e Renata Beltrão.

Parceira: Revista Placar.

Projeto contemplado no Edital PROAC nº 40/2023
– Eventos culturais / Produção e realização de mostra,
festival, conferência seminário ou premiação.

O MELHOR JOGADOR DE TODOS OS TEMPOS

Viviane Ferreira Santiago

1º lugar – 2024

Em 2004, durante a gravidez do João, eu já sabia: este garoto vai ser bom de bola. A forma fina e certa com que chutava em cheio meu rim direito já previa: lateral-esquerdo. Daqueles de pontapé rápido e exitoso. Dono do chute que parte como um raio, atravessando o campo até os pés do atacante, que, de cara com o gol, solta o grito e corre para o abraço.

Imagine um jogo, só que este é de dados biológicos, em que o acaso determina o resultado. Assim é a Síndrome de Down, um capricho da genética que surge durante a divisão celular do embrião. Nas células humanas típicas, há 46 cromossomos organizados em 23 pares perfeitos. No entanto, em indivíduos com Síndrome de Down, o destino adiciona um toque a mais: um cromossomo extra, ligado ao par 21, totalizando 47 cromossomos. João nasceu prematuro, e a junção das condições nos cerceou de idas e vindas aos hospitais da cidade de São Paulo.

De tanto lutar pela vida, João ganhou a gana por ela. Queria ser artista, astronauta e bombeiro. Isso, até assistir pela pri-

meira vez a um jogo de futebol de várzea no campo do Jardim Cruz Alta. Partida acirrada, Primus versus Favela Futebol Clube.

João não entendia as regras e torceu para os dois times, vibrando a cada gol, a cada drible. Eu, rindo à toa, feliz em ver a felicidade genuína nos seus olhos pequenos e arredondados.

Depois desse jogo, viramos torcedores assíduos do Favela. João aprendeu o nome de seus jogadores preferidos, enquanto eu os confundia sistematicamente toda vez que cortavam os cabelos.

João, agora, queria ser jogador de futebol. Não de um time consagrado, cheio de estrelas correndo pelo campo. Queria a várzea. Porque na várzea é tudo homogêneo, e João ri e comemora alto em todos os gols. Ganha camisas das equipes e fica para o churrasco, onde come tulipas de frango, suas prediletas.

É um lugar daqueles que faz a vida da gente ser feliz por mais tempo.

O treinador do Favela, o Juarez, contou para o João que havia um time lá no Rio de Janeiro, o Realengo, cujo técnico era cego. E que no ano que vem, se tudo desse certo, queria formar um time muito especial, onde João seria o capitão.

João não deu muita importância à promessa, mas enlaçou sua mão com a do Juarez como quem sela um pacto.

O time especial do Favela nunca aconteceu, faltou apoio e sobrou preconceito de muitos lados.

Chorei escondida no banheiro, tamanha foi a frustração de saber que uma mãe dos outros garotos queria fazer do João mascote do time. Logo o João, que, na verdade, tinha a melhor direita de toda a formação e o coração mais bonito também.

Fui consolada por um reserva que cheirava a suor e desodorante Rexona, cujo nome eu nunca conseguia lembrar, mas que sorria largo quando via o João. Ele dizia que também tinha um irmão que carregava o cromossomo do amor.

João cresceu e fez administração. Todo domingo, ele me paga um sorvete na saída do jogo. Já aos sábados, ele não vai mais às partidas. Aos sábados, João visita a namorada, Camille.

E nessas horas, quando João está fora, fico pensando no quanto a várzea salvou inúmeros dos nossos dias. Calculando quantos sorrisos e esperança cabem em 90 metros de terra batida.

O CHUTE MÁGICO

Arzório Cardoso

2º lugar – 2024

O silêncio não é uma ausência. O silêncio significa. E por acreditar ser isso ponto pacífico, conhecimento universal adquirido conscientemente ou simplesmente intuído, não vou tentar acrescentar aqui algum novo conceito às teorias do silêncio, como quem levasse à fonte um copo d'água e inserisse definições ao que já é percebido, em silêncio, por todos. Creio valer mais a pena contar que, quando criança, eu morava numa casa de onde era possível ver, numa elevação uns 300 metros adiante, um campinho de futebol. De modo que, quando alguns meninos apareciam por ali jogar bola, eu ficava de longe, sentado, assistindo.

Já ali começava a verdejar a planta cujas raízes penetrariam cada vez mais fundo o solo do silêncio e da solidão, em tudo divergente do solo do alheamento e da ausência de companhia, embora não poucas vezes já os tenham confundido e os tomado por iguais.

Mas ia dizendo que eu ficava por ali, sentado na varanda da casa da vó, observando o jogo, os dribles, as pênaltis, as faltas apitadas no grito pela ausência de apito e de juiz, as brigas, as

reconciliações. Mas não só. Sendo então já um protótipo do que viria a me tornar, não havia meios de minha atenção ser direcionada apenas para as partidas (canelas) de futebol. Até porque, aos cinco anos de idade, é bem provável que eu não conseguisse apreciar, com a ênfase necessária, toda a habilidade futebolística dos titulares ou o esquema tático elaborado aos gritos durante o jogo, assim como é também bastante plausível que eu não sentisse nenhuma comoção especial por estar presenciando, ainda que à distância, aquele clássico dos clássicos do campeonatinho da várzea ribeira: os de camisa contra os sem. O que de verdade me enchia de fascínio eram os sons. E, antes deles, o silêncio. Porque quando a bola era chutada, o som do chute levava algum tempo para viajar os 300 metros interpostos entre nós e chegar aos meus ouvidos, causando-me grande perplexidade e estupefação, esses sentimentos que nos acometem quando nos encontramos diante de fenômenos que não podemos explicar. Como é que dois eventos obviamente simultâneos podiam ocorrer um depois do outro? Foi experiência realmente intrigante observar pela primeira vez a realidade funcionando dessa forma tão exótica, testemunhar a instauração de um paradoxo que estilhaçava as expectativas construídas com esmero ao longo de meus cinco anos. Quando o veterano empirismo diário já me havia ensinado que aqueles dois deveriam andar sempre juntinhos, eis que o casal aparece apartado, assíncrono, imagem de um lado, som do outro, como se o som, subitamente cindido, passasse a vagar por aí, solto pelo mundo, sem rumo e sem par.

E foi assim que o silêncio e o futebol à distância ensinaram-me física, aspecto incontornável da vida que à época não ostentava a carranca de tal circunspecto nome, sendo reconhecida simplesmente como mágica – ou poesia.

O MASCARADO DO NECROPOLITANO *

PH Gomes

3º lugar – 2024

Lá pela zona do Mangue, as esquinas e balcões dos botecos exclamavam as virtuosidades do Necropolitano Football Club. Sim, o time de coveiros, marmoristas e gente que lá trabalha entre túmulos e flores do cemitério do bairro de Irajá. O Necropolitano era o time a ser batido no campeonato local, invicto a 55 jogos.

A boataria buscava explicar a mística em torno do time: os mais velhos diziam, com propriedade, que o treinheiro Chico Escorpião ritualizava a preparação física e técnica do time no limite tênue entre o sagrado e o profano. Anualmente, entre o Natal e o Carnaval, Chico Escorpião preparava seus times com essências e defumadores oriundos do arbóreo cemiterial. Os

* O presente texto é ficcional e se utiliza da existência de um time do cemitério de Irajá, subúrbio do Rio de Janeiro/Brasil. A equipe jogou competições locais do futebol amador nos anos de 1970 e sua praça de esportes era o campinho de Vista Alegre, nas proximidades do cemitério. Além disso, o texto traz uma homenagem ao ex-jogador Dario Dubois, zagueiro atuante nas divisões de acesso do futebol argentino nos anos de 1990 e 2000 e conhecido por jogar mascarado.

anciões afirmavam categoricamente que a complexidade dos rituais de Chico envolvia o passado e o futuro dos mortos e suas possibilidades de tomar o corpo dos atletas em dias de jogo.

Naquele dia, era estreia do Necropolitano, era março de um ano qualquer. Início de temporada no Departamento Autônomo, 55 jogos invictos e, na esquina da Avenida Ubirajara com Amâncio Bezerra, a banca do jogo do bicho era um mar de apostas no grupo 14 do gato preto. O apontador da banca não dava conta da aglomeração na esquina. Todos acreditavam na invencibilidade dos coveiros.

O adversário do Necro era o time dos Beneditinos, com forte ligação paroquial. Em jogo morno e pouco inspirado de quase 80 minutos, o placar ostentava empate de 1 x 1. Gols de Leco da Quadra 4, zagueiro do Necro, a favor e contra. Desejosos pela vitória, os Beneditinos amassaram no final do jogo. O gol do desempate parecia próximo. Questão de curto tempo. Seria o dia da vitória do sagrado!

Aos 53 minutos do segundo tempo, Juarez, volante voluntarioso do Necropolitano, pareceu engrossar o bigode e, em passadas largas, dominou o meio de campo, arrumou a equipe e, de forma guerreira e misteriosa, impediu a transformação de um lance capital do adversário em gol da vitória. Em contra-ataque veloz dos Beneditinos, Jorge Coroinha avançou pela esquerda, driblou três oponentes e cortou para o meio da grande área com o chute engatilhado. Na primeira tentativa, chute travado. Na segunda, a bola é levemente tocada com o peito do pé e segue uma linha objetiva na direção do ângulo superior direito do gol. Jorge nem olhou para as traves, virou as costas, já correu para a torcida. O restante da equipe olhava atônita para a retaguarda do goleiro Mica Leão, arqueiro do Necro, já batido no lance: surpreendentemente, o volante Juarez apareceu entre as traves, num pulo ordeiro, impedindo o golaço de Jorge

Coroinha com uma cabeçada frontal, com cara de fome, endiabrado. Um lance plástico, porém, misterioso: com exceção de Jorge Coroinha, todos em campo viram Juarez e seu rosto inexplicavelmente mascarado obstruindo a meta do Necropolitano.

Automaticamente, todos olharam para Chico Escorpião na lateral do campo. Chico, com os punhos cerrados, junto aos olhos, apenas balbuciava: *salve, Dario!* A torcida enlouquecida bradava: *Necro! Necro, Necro, Necro!* A partir dali, eram 56 jogos invictos e alguma história sobrenatural para contar. Mas quem seria aquele espírito mascarado a tomar o corpo do volante Juarez? Que a eternidade crie histórias justas para manter viva a memória do Necro de Irajá!

CAITITU E PATURI

Francisco Leite Duarte

Somente as aves voam. Minto. Aviões, insetos, pensamentos... Caititu e Paturi também. Na infância, corriam atrás das bolas de meias. As de couro foram conseguidas bem depois, após muita peregrinação junto a algum vereador da cidade de Uiraúna.

Todo voo tem chão firme. Nos terreiros das casas, pés descalços, unhas arrancadas pelos pedregulhos, campinhos ovais, triangulares, moldados em aclives e declives, disformes, irrequietos como os dribles e ousados como sói ser a existência daqueles que vivem uma vida mequetrefe.

As traves eram duas pedras. Bem depois, varas finas de mar-meleiros. Às vezes não havia goleiro, todos chutavam para o mesmo lado. Não havia torcedores, salvo duas ou três arribações ciscando o leito seco da vida, que não estavam nem aí para os espetáculos dos meninos.

E havia a fome. A fome dos jogadores era enganada pelo prazer do drible desconcertante. Adversários e as pedras do campinho desconjuntados pela ousadia dos moleques. Há, há, há!

Em um tempo os meninos cresceram. Eu, nos seus encalços, meus ídolos voadores. Caititu era como os beija-flores, plainava no ar à espera da bola e quando ela lhe chegava ele girava no ar, um voo estrambótico, o dono do tempo, da bola, jogador e espaço, amálgama, isso era o gol, a síntese.

Paturi dominava os prados secos dos baixios. Era como o vento, não daquelas brisas modorrentas, mas o próprio Aracati em reboição, cheio de curvas e linhas entrelaçadas, a não ser para as suas pernas curtas e fortes que dançavam na frente do adversário como passarinho em acasalamento. Quem haveria de segurar o vento Aracati em um surto de imaginação?

Os aviões e os insetos já nasceram com o design de voar; pensamentos são terra de ninguém, obra da natureza. Caititu e Paturi foram além. Eram jogadores quânticos pelo querer próprio e pela afoiteza da genialidade de cada um. Ambos possuíram asas que alternavam a bola e os seus corpos entre a terra firme e o imponderável céu.

Quando jogavam pelo mesmo time era como se fossem dois em um, formatavam um redemoinho na área do adversário, suprema forma de enganar os beques, que ficavam caídos no chão vendo estrelinhas e outros seres imaginários.

No céu, o voo, cambalhotas espetaculares, cabeçadas indefensáveis. Em terra, terra suprimida pelo drible da vaca louca, terra estrábica pelas passadas rápidas, movimentações inesperadas, o passe certo, um encanto de se ver, se é que se podia ver a engenhosidade da trama que confabula o resultado certo daquela forma de jogar: goooooooooooooooooool!

Velozes tanto quanto as piabas que pegavam nos riachos para encher o bucho; maleáveis como os cipós de macambira; ouriçados como os bichos do mato; leves, soltos, sinuosos como esses córregos magrinhos que ninguém advinha para que lado eles penderão.

Caititu era côncavo; Paturi, convexo, reis do futebol.

De quem esses deuses ganharam as asas? Da terra e do tempo em que nasceram. Essa é a injustiça dos seus destinos. No mais, Pelé e Garrincha tinham muito o que aprender com os dois meninos do alto sertão da Paraíba; um nascido no Sítio Saco dos Árabes; o outro, no povoado de Areias, dois gênios, dois passarinhos, asas de Ícaro, pés plantados na terra seca, perdidos nos confins do mundo.

A ASSISTENTE DO TREINADOR

Mariana Carvalho

Um terreno com pouca grama e muita lama, logo depois dos muros encardidos das últimas casinhas, servia de campo de futebol para a criançada da vila. Década de oitenta, os meninos sonhavam em ser Zico, Sócrates, Careca. Romário também tinha o seu lugar, revelação do Vasco, depois já foi direto para o PSV. Todo mundo queria ser o Romário.

Bem, todo mundo não. Eu não queria. O meu ídolo era o Franchino Baresi. O lance não era fazer gol, mas sim não deixar fazer. O cara ficou conhecido como o melhor zagueiro do mundo. Com vinte e dois anos, Baresi se tornou o capitão do Milan, não era para qualquer um.

Nunca vesti em campo a camisa seis do jogador italiano, apesar de tê-la no meu armário, junto com o look Madonna, o vestido rodado que a vó Nanda costurou e a melissinha com cheiro de chiclete. Meu pai tinha um amigo que viajava a trabalho para a Europa todo semestre e pediu para trazê-la. Acontece que ele se esqueceu de combinar com a galera da várzea – era proibido menina jogar futebol.

No quintal, fazia embaixadinhas, marcava gol carimbando a parede com a bola, cobrava pênaltis. Sabia jogar muito me-

lhor que os pernas-de-pau dos meus irmãos, mas era me-ni-na. Eu ainda aparecia pelo terreno dando uma de desentendida, chutando a bola bem fraquinho na lateral das linhas. Os moleques fingiam que não me viam, nunca me chamavam para compor o time, mesmo sabendo que o meu jogo não era de se jogar fora.

Os manos chegavam em casa cobertos de barro, cabelos suados. Enchiam um copão de água, comiam tudo o que viam pela frente, banho de mangueira no quintal. Dona Juci, orgulhosa de seus hominhos, perguntava dos gols, das faltas, se alguém havia se machucado. Um suco de laranja fresquinho para eles que, animados, inventavam mil e uma façanhas para a genitora fascinada.

Como dizia antes, nos anos oitenta, os garotos tinham um único desejo: serem jogadores de futebol. Não havia coisa melhor, ganhar dinheiro jogando bola, viagens, mulheres, carrões. Um dos pais da vila, embarcando no devaneio do filho, decidiu cotizar com outras famílias a contratação de um professor. O pessoal não tinha dinheiro para comprar carne, arroz e feijão, mas encontraram um jeito de pagar o treinador. Meus irmãos se empolgaram, minha mãe se empolgou, até vó Nanda se prontificou a costurar o uniforme do time da vila.

O professor Muriel chegou ao terreno enlameado com pose de craque. Trazia um sacão cheio de bolas, além de cones e outros apetrechos. A garotada ficou em êxtase – o cara era profissional! Pediu para ser chamado de técnico, mandou todo mundo se sentar em roda, conversou longamente com os pirralhos. Eu ali, de butuca, junto com outras meninas que tinham interesse diverso do meu – admirar os pernões do professor.

Semanas se passaram, o técnico aparecia todo sábado às oito da matina e só ia embora ao meio-dia. Dona Juci e outras mães costumavam convidá-lo para bater um rango antes de

pegar o fusquinha. Um dia, depois do almoço, o professor me viu no quintal batendo uma bola. Tu sabe jogar, garota. Olhei para ele, fingi estar acostumada com o elogio. É, eu sei, sou muito melhor que os manos. Muriel riu. Tu é marrenta, hein? Gargalhei junto. No sábado seguinte, quem era a assistente do técnico do time da vila?

OLÉ

Ana Fonseca

Do zagueiro para o volante. Do volante para o meio. Drible. Pedalada. Olé. Bola para o gol. Vai. Vai. Vai. Na trave. Torcida desesperada. Bola quase sai. Finta. Adversário congela. Olé. Gingado. Vamos, lá! *Acorda, minha filha! Sonhando novamente com futebol?! Você nunca vai jogar. Ninguém deixa gente como você jogar. Esquece! E vem comer!* Dri-blar-um-dri-blar-dois... Gente como eu? Dri-blar-to-do-mun-do. Ma-le-mo-lên-cia. Café. Só café. Ponto de ônibus. Ônibus. Ponto de ônibus. Outro ônibus. Bicicleta. Goleiro pega. Passa a bola para o zagueiro. Chute com força. Bola rolada com maestria. Meia-lua. Olé. Gool. *Hora de descer. Vai logo! E cai na real! Gente como você não joga futebol.* Portão. Escada? Caminho de pedras. Elevador enguiçado. Escola. Sala de aula. Carteira especial? *Atenção! O quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos.* Chute com precisão no ângulo do gol. Olé. Desvio do volante. Desvio do centroavante. Chute de calcanhar. Olé. *Acorda, criatura! Sonhando novamente com futebol?! Você nunca vai jogar. Ninguém deixa gente como você jogar. Esquece! E presta atenção na aula.* Lousa. Giz. Contas. Mais contas. Livro. Caderno. Lápis. Borracha. Escrever. Apagar. Contas. Outras contas. Se empatar é só um. Precisa dos três pontos para subir de série. Escanteio.

Cálculo preciso. Mais contas. Meio-campo avança. Caneta. Lateral esquerdo se aproxima. A hipotenusa... Não! Hipérbole... Aula de matemática ou de gramática? Chute perfeitíssimo. Bola em curva. Gol olímpico. De placa. Gol de Pelé. *Goooool. Outra vez? Gente como você não joga!* Gente como eu? Chute do meio do campo. Goleiro fora de posição. *Gooooool.* Corrida para o *corner*. Salto. Soco no ar. *PRIIIIII. PRIIIIII.* Bola de volta ao centro do campo. Apito. Chute para o lateral. Lateral passa para o... bola roubada. Time adversário no ataque. Líbero para meia. *Acorda, menina! A fila precisa andar! Futebol de novo? Gente como você não joga!* Gente como eu? Bandeja. Prato. Arroz. Feijão. Frango. Salada. *Frango e salada? Acha que é atleta? Não adianta nada. Gente como você não joga!* Arroz e feijão se misturam. Tomate cereja entra em campo. Olé. O volante aparece. Olé. Mais um drible. Corrida pelo meio de campo. Atacante cara a cara com o goleiro. *PRIIIIII. PRIIIIII.* Chute certo no ângulo. Frangaço! *Gooooool. Sonhando novamente? Hora de ir para o pátio torcer. Gente como você não joga!* Gente como eu? Carrinho por trás. Falta grave. Cartão vermelho. Aquecimento. Placa. Juiz. Substituição. Segunda metade do segundo tempo. *PRIIIIII. PRIIIIII.* Vai lá! Drible. Olé. Chapéu. Olé. Goleiro avançado. Olé. *Gooooool. A aula já acabou! Acorda! Futebol outra vez? Gente como você não joga!* Gente como eu? Fila. Empurra-empurra. Porta. Sala. *Hoje vamos falar sobre Nelson Rodrigues e o futebol.* Futebol? Olé. Torcida. Corrida pelo campo. *Gooooool.* Olé. O óbvio *ululante*. Corre para o abraço. *Manchete Esportiva.* Time inteiro. O *Globo*. Final do segundo tempo. *PRIIIIII. PRIIIIII.* É campeão! Olé, olá! O *sinal já tocou. Acabou! Hora de ir para casa. Acorda! Gente como você nunca vai jogar! Vaza! Várzea? Nem na várzea? Só na várzea? Não mais! Agora crescemos à sombra das chuteiras dos imortais: Martas, Enzos, Lucas, Ricardinhos, Formigas... Olé!*

VIVALDÃO

André Telucazu Kondo

Sou ex-jogador de futebol, ex-artilheiro. De mendigo, tem muito ex. Tem ex-rico, ex-doutor, ex-amado. Só não tem ex-pobre. Dizem que a felicidade é como uma bola de futebol, todo mundo quer, mas quando ela chega, a gente chuta pra longe.

Eu jogava por dinheiro. Nada contra, mas era só pelo dinheiro. E como era só cifrão, quando passei a dar prejuízo (sem gols) fui chutado. De time da primeira, caí pra segunda. Fui recebido como herói de primeira pelo time de segunda. Mas não fui legal. Marquei nada e fui chutado. Na terceira já me receberam como jogador de segunda, era só não marcar touca. Não marquei... gol. Sei lá, minha cabeça girava mais do que a bola. Engraçado é que todos esses anos de futebol não me deixaram grana alguma.

Gastei tudo. Nem pergunte como.

Fora de campo é triste. Arquibancada vazia. Holofotes apagados. Fim de jogo.

Com o papelão que fiz da vida, virei catador. Não dava mais carrinho no adversário, agora era o carrinho que dava em mim. Eu era um cavalo em campo, e continuei animal de tração pelas ruas. Catava papelão, latinha e mandava tudo pra

reciclagem. Precisava mesmo me reciclar. Pra ser sincero, foi um segundo tempo bem triste...

Foi no fim de um dia de trabalho é que vi que o jogo ia ter prorrogação. Entre um gole e outro, fui reconhecido. “Você não é o tal jogador tal que jogou no time tal e qual?”. Era. O rapaz era caminhoneiro e jogava de vez em quando em um time amador lá no Norte. “Bora jogar”. Acontece que eu não jogava mais. “Quem já foi rei nunca perde a majestade”. Fazia tempo que ninguém puxava meu saco. Aceitei com uma única condição...

Em Manaus, comecei a disputar o maior campeonato do mundo! São mais de 500 times disputando o Peladão! Nunca imaginei que fosse viver uma emoção maior do que jogar no Maracanã. Aqui, não se joga pelo dinheiro, joga-se apenas. Joga-se tudo, corpo e alma.

Continuo sem dinheiro. E daí? Quando era rico, o amor tinha cifrão. Agora é amor verdadeiro. Meu time vai entrar no Vivaldão. Milhares nas arquibancadas. É a final do Peladão. Todo mundo quer mais é ver gol. É o momento da consagração. Faz muito, muito tempo que não marco. É a minha condição: nunca mais tenho a obrigação de marcar gol. Não quero pressão. O jogo está 2 a 2. Vai, não vai. Vai para cobrança de pênaltis.

Última série de batidas. O pênalti é meu. Esse pênalti decide. Sei que se falhar acaba o jogo, sei que se eu errar a gente perde. O chute, redondinho, venenoso. A trajetória é pra gol feito, perfeito. É pra entrar, é pra entrar. A arquibancada se levanta. Em um segundo tudo muda. A bola é o mundo agora, a bola é tudo o que importa, a bola é a própria felicidade. Se ela entrar...

O GOLEIRO DEFENDEU.

O estádio vai abaixo. Festa de um lado. Tristeza de outro...

assim é a vida. Alguns ganham, outros perdem. Sorrisos e lágrimas. Todo mundo do meu time chora. Eles apontam pra mim. Eles correm na minha direção, aos gritos. É o momento de pagar todas as dívidas e erros. E paguei.

Sou jogador amador, jogador que ama. Sou do povo. Nunca mais vou chutar nada pra longe de mim. Nem pra tiro de meta. Agora é só na mão, com carinho. Não largo a bola, não largo mesmo. Goleirão, agora agarro a felicidade com ambas as mãos, abraço apertado. Nunca mais largo a felicidade! Nunca mais!

SEU VARDEVARZIO

Custódio Rosa

Seu Vardevarzio era uma lenda da várzea.

Sua história se perdia nos tempos em que os campos da região eram capoeiras abertas na foice pelos boleiros da região. Formigueiros e cupinzeiros destruídos, pedras arrancadas e o mato baixo deixado como “gramado” até que o tempo e os pés, calçados ou não, fizessem seu trabalho de assentar tudo e sobrar só o terraço. Os gols, montados precariamente com taquaras e bambus, se estilhaçavam quando acertados em cheio nas suas juntas, obrigando depois a um exercício de projeção mental dos dois times sobre a altura da trave. A situação precária das arenas varzeanas acabava sendo inspiração para os nomes de muitos dos times que se formaram, alguns permanecendo ativos e gloriosos até hoje: Bambu FC, Taquaral, Mata-Cupim, Pula Corgo, Sai Carrapato, Sola Cascão, e o Botas do Judas Futebol e Samba, que depois de anos acabou sendo controlado por evangélicos e mudou para Cruz Dourada Futebol e Reza.

Vardevarzio, que nascido seria Valdevalzio, junção dos nomes dos pais, Valdeli e Edevalzio, virou Vardevarzio por pronúncia caipira do pai e literalidade do escrivão.

Certa vez, em um dos infinitos campos que ajudou a fundar, caiu num rio e quase morreu. A partir dali, nunca mais se aproximou de rio, piscina, lagoa ou mar. Tinha pavor até de poça d'água.

Diferente dos incontáveis veteranos, aposentados e estropiados, que lotavam os bares ao redor dos campos, tomando cerveja e criticando os jogadores atuais, “seu Var”, como era chamado, nunca foi visto chutando uma bola. Muito menos era treinador ou juiz.

Seu caráter ilibado e seriedade inquestionável o faziam ser reconhecido e recebido com respeito e pompa todos os finais de semana, em qualquer dos campos que tinham a sorte de serem escolhidos pela estrela. A rotina, quase cerimônia, era sempre a mesma: cerveja gelada, uns torresminhos, uma mesa na janela do bar na beira do campo. E ninguém para tirar sua atenção.

Ele chamava de “minha cabine”.

E ali ficava, sem ser importunado, acompanhando os jogos, até que algum lance duvidoso acontecesse. A cena clássica: os dois times faziam rodinha em torno do árbitro, gritaria e palavrões, o povo apupando, até que viesse a ordem para o juiz: vai na cabine do “seu Var”.

E lá ia o digníssimo, entre humilhado e aliviado, atravessando o campo em direção à janela do bar onde seu Vardevarzio aguardava impávido. Os gritos e assovios iam diminuindo enquanto o juiz argumentava e “seu Var”, em voz baixa, fazia discretos movimentos com a mão livre, já que a outra segurava o copo de cerveja. Quando, finalmente, fazia um gesto varrendo o ar, dispensando o juiz, havia o veredito. O apiteiro metia o apito na boca, apontava a decisão e tudo estava resolvido.

Seu Vardevarzio, olho de águia e reserva moral.

Com a idade chegando, certas decisões iam ficando confusas, mas todos ficavam sem jeito de contrariar. Por fim, “seu Var” acabou sumindo dos campos.

Muitos acreditam que foi como protesto silencioso pela adoção de sua invenção pioneira por equipamentos e juízes tão modernos quanto despreparados. Ele nunca desmentiu esses rumores, para não apagar a lenda. Mas a verdade é que acabou derrotado mesmo pela ironia do destino.

Com tanto medo de morrer afogado, seu Vardevarzio foi derrotado por uma catarata.

CONDOMÍNIO FECHADO

Leandro Marçal Pereira

“Lembra que eu jogava aí?”, meu pai fez a pergunta retórica, apontando para a chamativa entrada do condomínio, com incontáveis prédios alinhados de forma organizada. Difícil enxergar os últimos andares olhando para cima, de tão altos os “empreendimentos”, como dizia o folder entregue pela moça no semáforo vermelho.

Voltávamos do mercado com as compras para o almoço de domingo em família. Massas, molhos e temperos entregues ao banco de trás. Na frente, meu pai voltava o olhar nostálgico para o condomínio de nome gringo e chique.

“Era um campo grande, o maior campo de várzea da cidade. Naquela época, ninguém nem sonhava que tudo ia virar prédio. Quanta gente será que mora aí?”, disparou outra pergunta retórica.

Tenho lembranças daquele tempo distante. Domingo de manhã, acabava a Fórmula 1 e meu pai me botava na garupa da bicicleta. Atravessávamos o bairro, ele cumprimentava um vizinho, provocava o rival da rodada, me deixava à beira do campo bebendo refrigerante e comendo salgadinho. Pedia para eu prestar atenção nele. Da zaga, dava um jeito de prestar

atenção em mim quando seu time ia para o ataque. Qualquer incidente comigo e minha mãe lhe dava um sermão interminável, mesmo na frente da vó, dona de almoços como o de hoje.

“Dá uma olhada aqui, pai. Tem área de lazer, quadra de society, de tênis, academia, salão de festas, churrasqueira. Dá pra passar a vida inteira sem sair daí”, lhe entreguei o tal folder.

“Principalmente pra quem trabalha de casa, igual a você. Mas é estranho. Parece frio, distante. Uma cidade dentro da cidade. Será que os vizinhos se conhecem?”, emendou mais uma pergunta retórica.

Por ali, vi pouca gente a pé. Carros entrando, carros saindo, motos chegando com entregas. Mal se vê o porteiro atendendo o interfone, recebendo entregas, liberando visitantes. Para o portão abrir e fechar, o esforço é eletrônico.

Me senti na beira do campo. Sem permissão para entrar enquanto o jogo não acabasse, como meu pai alertava. Meio assustado com zagueiros peitando atacantes adversários, mas raramente chegando a uma briga mais feia. Comemorando os gols com os mais velhos. Nunca marcados pelo meu pai, é verdade. Suas histórias na várzea ficavam mais saborosas quando contadas no almoço.

“Diz que a briga pelo terreno foi grande. Quando o dono morreu, a família não quis nem saber, vendeu tudo pra imobiliária. Ganharam uma grana”, comentei. “Ganharam uma grana. Mas eu gostava do campo”, meu pai respondeu. A luz verde do semáforo acendeu, o carro de trás buzinou, olhei para frente e acelerei. Seguimos calados pelo restante do caminho.

Depois do almoço, família ainda à mesa, meu pai contou a história de uma final disputada onde hoje está o condomínio. Disse que deu empate e ele cobrou o pênalti do título. Não me lembro disso, mas confirmei a versão antes de uma nova pergunta retórica.

HERANÇAS

Mateus Ribeirete

Sempre falei pro Davi não ser goleiro, mas se me ouvisse não seria meu filho, né. Agora estamos os dois na semifinal da Suburbana de Curitiba. Frente a frente, na marca da cal. Seguraram o zero a zero muito bem, até que o camisa três dos caras deu mole e me passou o rodo. Quarenta e oito minutos de segundo tempo – isso não se faz. Falei pro Davi que o cara é uma íngua.

A Suburbana é o torneio dos quase: juntam-se os que quase viraram, como o Davi, com os que quase pararam. Meu caso. Ninguém quer desistir do sonho, tendo vivido ele ou não. Uma boa Suburbana sempre garante outro contratinho profissional, e com 37 anos eu sei que ainda tenho lenha pra queimar em qualquer estadual por aí.

Fui artilheiro na Bélgica e na Lituânia. Me amam na Malásia. Com um pouco mais de sorte, teria jogado na Itália. Faltou pouco, muito pouco. Meu empresário já tinha acertado tudo, aí tive azar com o púbis. Hora errada.

Porém, Deus quis assim e sou muito grato. Fui muito cedo pra fora, e naquela época não tinha vídeo, empresário, assessoria igual hoje. Se surgisse agora eu tenho certeza que estaria

na seleção, com esse monte de pereba na Série A. Até cheguei a fardar na primeira divisão, mas pouco tempo. Tinha acabado de voltar da Europa. Cheguei machucado e não me dei bem com o palhaço que treinava o Sport. Saí seis meses depois e me firmei na Série B. Isso faz nem cinco anos.

Em algum momento, depois de disputar três divisões diferentes do Paulista, reconheci que era hora de brincar na Suburbana. Um parceiro que jogou comigo no Noroeste já tinha cantado essa bola.

* * *

O futebol me deu tudo. Me deu inclusive o Davi, justamente na Bélgica. Sempre falei pra mãe dele: que seja tudo, menos goleiro. A gente era muito novo e foi uma fase difícil, graças a Deus passou. Logo o Davi me acompanhava pra cima e pra baixo. Depois dele vieram a Liziane, na Lituânia, e a Valentina, na Malásia. Nossas princesas.

Tinha talento, o Davi. Habilidade de tudo. E sempre foi alto. Mais alto que eu, o corno. E tá aí o problema: em algum rachão do sub14, faltou goleiro. Todo mundo conhece essa história, né, mas logo com o meu filho? Sacanagem. Destruí e não deixaram sair mais.

Com 19, ele ainda pode virar. Sei que pode. É um menino bom, tem cabeça boa, terminou a base no Operário. Se tem uma coisa que aprendi é que o futebol é maluco. Um dia você é rei num estádio lotado, no outro é confundido com o roupeiro da várzea e vice-versa.

A gente nunca tinha jogado contra, e vou te contar que é uma sensação estranha. Por mim terminava empatado com ele pegando cinco pênaltis. Ainda mais porque tem olheiro do Nova Iguaçu aqui hoje (ficamos sabendo no vestiário).

O problema é que surgiu esse pênalti, né. E seria uma vergonha eu não bater – sou o mais velho e, sem falsa modéstia, o melhorzinho no meio dessa garotada. Não posso fugir da responsabilidade, ainda mais depois que o camisa quatro me tirou pra aposentado. Nunca fugi, e não vai ser agora. Sou homem de princípios.

O problema é o Davi. Meu filho. O futuro do Davi. Olho nos olhos dele e reconheço a concentração. É quase um sorriso. A mãe dele berrando atrás do gol, coitada. Se eu tô assim, imagine ela.

O problema é que, nessas horas, os princípios balançam.

Mas aliviar pro goleiro, meu amigo?

Eu não.

A mãe dele que chore.

PASTORAL VARZEANA

Mauro Donato

Uma casinha campesina abrigava os vestiários, a mesa de sinuca e o bar onde os jogadores, durante o intervalo, tomavam uma cerveja, ou uma dose de cachaça, ou de conhaque, ou as três coisas, conforme a temperatura. Nunca percebi perda de rendimento dos atletas no segundo tempo, talvez uma leve tendência para atritos. Pelos mais variados motivos. O placar era manual e nem sempre utilizado, a não ser em jogos importantes, e certa vez foi alterado em favor do time da casa. O juiz anulou um gol, mas a pessoa incumbida de mudar as placas numeradas não concordou com a decisão e manteve o tento. Quando o time visitante percebeu, deu-se a desinteligência. “Tá na hora de ver quem tem vasilhame para trocar”, era o que dizia um dos reservas sempre que a coisa começava a ficar esquisita. Não me recordo o nome. Passarinho, Ditão, Ari, Bataglia, Baiaco. Nomes que podem ter sido de jogadores do Canto do Rio, do Marítimo, do Clube do Mé, afinal eram muitos os campos, clubes e times abrigados naquela área durante os anos 70 do século passado.

O Grêmio Desportivo Canto do Rio ficava num lugar bucólico, cercado de árvores, onde havia galinhas soltas, não raramente algum cavalo amarrado, e caramelo era só um vira-lata sem nome, não celebridade na internet. Lá experimentava a sensação de estar fora da cidade, sem os ruídos urbanos nem prédios no entorno. O rio ao lado do campo, o córrego do Sapateiro, volta e meia precisava ser adentrado para que se resgatasse a bola de capotão, de tamanho oficial, número 5. Ela voltava molhada e, empanada na terra como à milanesa, carimbou a camisa listrada azul e branco ao ser dominada no peito. Tinha que ser emoldurada e pendurada na parede da sala de troféus da sede, disseram. A sede era a casinha da abertura destas linhas e sim, esqueci, além do bar e dos vestiários havia uma estante abarrotada de troféus. Trago na memória a imagem daquela camisa, como a do quadro, que não tenho absoluta certeza se algum dia existiu.

Era comum assistir aos jogos empoleirado na cerca que delimitava o nada e o menos ainda, ou sentado no banco dos reservas. Um banco de madeira, sem encosto, na beira do campo de pouca grama e muita terra. Na verdade, grama só havia perto dos escanteios, o que fazia os cravos das chuteiras desconfortáveis e grosseiras parecerem supérfluos. Serginho Chulapa jogou ali num domingo pela manhã, poucas horas antes de entrar em campo pelo São Paulo no Morumbi. Quanto a Vladimir, não me lembro se na ocasião em que o vi era também dia de jogo do Corinthians. A certeza que tenho é que foi numa era em que jogadores famosos não andavam cercados por um esquadrão de seguranças, não chegavam em carros que custam o mesmo que um apartamento, e jogavam bola normalmente com os amigos na várzea. Um tempo em que nem os times profissionais ostentavam patrocínio nas camisas. Camisas pesadas como lona, que fariam jogares atuais desmaiarem desidratados.

Na base dos 50 anos em 5, o riacho virou avenida Juscelino Kubitschek e vieram os prédios. O terreno chegou a ser tombado, mas o dinheiro alterou o placar na mão grande. Os times foram acusados de invasores e não sobrou campo nenhum. Ironicamente, a área ainda se chama Parque do Povo, sem canto nem rio.

O GOL DE RIBAMAR

Paulo Neumann

Ribamar era craque. A pouca idade escondia a habilidade que o garoto tinha na perna canhota. Ele fazia o que queria com a bola nos pés. Jogando, tinha na cabeça a certeza do que fazer a cada toque.

Só uma coisa o preocupava dentro de campo. Pobre desde sempre, nunca teve uma chuteira, e sempre desfilou sua habilidade de pés descalços, enquanto os adversários riam e debochavam, pisando de propósito e lhe causando doloridos ferimentos nos pés.

Sua mãe, Dona Lara, nada podia fazer. Costurava pra fora com a intenção de pagar uma faculdade pro garoto e vê-lo doutor. Todo centavo era poupado. Mas Ribamar tinha outros planos. Desde que ganhou uma bola de meia aos três anos, jamais desgrudou dela. Tudo ficava pra depois, até os estudos. Não havia um dia sequer que Dona Lara não pegava Ribamar no flagra pulando a janela do quarto pra ir jogar bola. De onde ela estivesse, retirava sua sandália, gritava o nome do menino e arremessava mirando seu filho. Nove entre dez disparos encontravam o alvo. Em precisão, Ribamar tinha a quem puxar.

A final do campeonato da Rua A deveria ser motivo de alegria pra Ribamar, mas Dona Lara só via o filho triste nos dias que antecediam o grande evento. Ao questioná-lo, dava voltas e desconversava. No fundo, ela sabia: todos estariam de chuteiras na grande final, menos Ribamar.

Decidida a ajudar o filho, planejou uma surpresa: contou o dinheiro guardado naquele ano e comprou um par de chuteiras, sem que Ribamar soubesse, e se preparou pra presenteá-lo no domingo de manhã, antes do jogo. Ao acordar, pegou o embrulho escondido no fundo do armário e foi até o quarto do filho. A janela aberta denunciava mais uma fuga de Ribamar pro campinho.

Zero a zero, o jogo já se aproximava do fim quando Dona Lara chegou até o local. Usando bengalas devido à idade avançada, tinha feito o trajeto de quinhentos metros com certa destreza. Encontrou um lugar por entre a multidão que se espremia na linha lateral e pôde ver o filho em campo. Ele driblava, corria, mas sempre era atingido nos pés com violência. Todos tinham chuteiras. Pela primeira vez, Ribamar também, mas elas estavam nas mãos de Dona Lara.

O juiz já levava o apito à boca pra dar fim ao cotejo quando baixou o braço esperando o último ataque do time de Ribamar. O ponta esquerda correu pela lateral, levantou a cabeça e cruzou com força a bola na área. Dona Lara observou o filho perto da trave direita e não pensou duas vezes: gritou o nome do filho e arremessou as chuteiras em sua direção. A bola passou por toda a extensão do gol. O zagueiro não alcançou, o goleiro pulou em vão e a bola foi em direção a Ribamar, que deu um carrinho esticando as pernas. O dedão do pé em carne viva e sem unhas chegou a resvalar na bola, mas sem forças para desviá-la e passou por ele também. A pelota já ia saindo pela linha de fundo quando encontrou as chuteiras arremessadas por Dona Lara, que botaram a gorducha pra dentro do gol.

De nada adiantou a reclamação do goleiro de que algo fora arremessado em campo. O juiz só viu a bola e um par de chuteiras dentro da meta. 1 x 0, gol de Ribamar.

Dona Lara, pacientemente, esperou a entrega de medalhas, abraçou o filho e falou em seu ouvido: parabéns, pegue suas chuteiras e vamos pra casa. Você tem muito o que estudar.

FABRÍCIO NÃO QUERIA IR À ESCOLA

Pedro Corat

Fabrício se arrastou para fora da cama naquela quarta-feira. O sol mal nascera, e os fantasmas já despertavam. Acordar era ir à escola, sacrifício para o garoto de onze anos de idade. Detestava estar entre os colegas, que só falavam do mesmo assunto.

Sua mãe o esperava na cozinha angustiada por, de novo, não ter o que preparar no café da manhã. O rádio de pilha anunciava a alta nos alimentos, nos remédios. Um beijo e um “vai com Deus” era tudo o que podia oferecer a Fabrício, que saía a contragosto.

No centro da cidade, César circulava no jornal surrado os classificados de empregos. Uma passada de olho na seção de esportes o arremessou a uma vida que não foi, mas poderia ter sido. Jurandir era destaque em uma foto.

Cesinha e Jurandir, a melhor dupla de ataque que o time infantil do Jardim Travessia já conheceu. Tricampeões do Campeonato Amador Municipal, e a oportunidade na peneira da Portuguesa. Jurandir aprovado, Cesinha reprovado. Aquele “não” ecoava até hoje: nos vidros fechados quando pedia dinheiro no semáforo, no estômago vazio.

Também com fome, Fabrício evitava ao máximo o contato com os meninos no portão da escola. Tudo o que se falava era do jogo de domingo, do título engasgado que não vinha há 19 anos, da chance derretendo no ano passado.

— Ei, mano, vai colar domingo?

— Demoro, mano, vai dar nós!

— Se o Cesinha não jogar, né, *mó tiriça!*

— *Vixi*, nem fala, ano passado foi embaçado...

O garoto só queria o apito final, tanto das aulas quanto do tal jogo. Não prestava atenção nas tabuadas, tampouco nos pronomes. Todos os dias perguntava à mãe se podia faltar, e ouvia a mesma desagradável resposta.

Enfim chegou o domingo. O tão esperado domingo. A Vila Travessia pintada de preto e amarelo, as cores do time do bairro. Era a final da categoria principal do Campeonato Amador Municipal, e o adversário era o temido Jardim São Sebastião, algoz na temporada passada.

Os fogos precediam a entrada dos jogadores no campo de terra batida. Entre eles, Cesinha, vestindo a camisa 9. Antes mesmo do hino nacional, Fabrício quis correr para bem longe. Para qualquer lugar onde não houvesse os comentários.

— Se tiver pênalti, não deixa o Cesinha bater!

A tensa partida caminhava sem alterações no placar, e todos se entreolhavam nas arquibancadas com o mesmo pensamento: a famigerada disputa de penalidades, que fez o bairro perder o troféu no último ano e marcou o início do calvário escolar de Fabrício.

Porém, aos 42 do segundo tempo, um cruzamento certo congelou respirações de todo um bairro e encontrou a testa do centroavante criticado, que pairou no ar e estufou as redes: Vila Travessia 1 X 0 Jardim São Sebastião. 19 anos depois, o auri-negro soltava o grito de campeão.

Entre gritos, abraços e copos de cerveja na multidão, o herói da conquista procurava o único olhar importante naquele momento. E ali estava, em meio à fumaça da churrasqueira. Fabrício engolia o choro e sorria aliviado.

Cesinha o abraçou e falou em seu ouvido: “foi *pra* você, filho. *Pra* você”. O garoto tentava disfarçar as lágrimas e só conseguiu dizer: “eu sabia, pai”. Deram a volta olímpica triunfantes, de mãos dadas. Eram rei e príncipe de uma vida que, sim, estava acontecendo.

Fabrício agora estava louco para ir à escola segunda-feira.

NO INTERIOR, FUTEBOL É QUESTÃO DE PATROCÍNIO

Quefren Arsênio Rodrigues

Naquele dia de ressaca junina, Babuja conversava com Caveira do parapeito da calçada da casa, onde morava com a mãe e a tia. Horas antes, os dois tinham ido ao Lojão de Caruaru, o único estabelecimento da cidade que vendia roupas e utensílios domésticos. O Lojão patrocinava, pela 15^a vez, o time das agrovilas do interior de Marechal Diniz, uma cidade localizada no oeste do Cariri. O time, criado em 1991 pelos remanescentes agricultores de mandioca e algodão, era motivo de grande orgulho para toda a região. Além de ser um dos mais vitoriosos, sua história de superação atravessava gerações. Classificado para as finais após vencer Inharé F.C e Beijo Ardente, o time mantinha-se invicto, resguardando as boas campanhas de anos anteriores.

Não fosse o toró que caiu na cidade, o Clube Comarca de Futebol teria enfrentado o Reco-Reco F.C na semifinal, marcada para aquele dia no campo do tocão. Mas o jogo não deixou de acontecer. O time, formado por: Babuja no gol; Camarão e Negr'alan de zagueiros centrais; Miojo e Caveira de laterais; Jorginho como volante; Miltinho e Carleto no meio de campo;

Paulim do Pombo e Oi de Bila no ataque, propôs um pacto. Se Paulim do Pombo marcasse o gol da vitória, o bode na brasa estaria garantido.

O que ficou meio confuso foi se o capitão do Reco-Reco F.C havia concordado ou não, depois do tabefe que Caveira lhe deu. Na saída do Lojão de Caruaru, Babuja e Caveira o confrontaram. Babuja queria arrancar-lhe a palavra sobre uma dívida, enquanto Caveira, com seus 1,98 de altura e estereótipo sarará, o levantou aos solavancos. Caveira intimidava qualquer um antes mesmo de abrir a boca. O certo é que, quando o credor confrontou Evertin sobre o débito, aproveitou para coagi-lo em favor da façanha do time.

Cerca de hora e meia antes de começar a partida, um grande desaire frustrou as expectativas do C.C.F. Paulim do Pombo, que tinha consigo as contrariedades de sua experiência como prefeito municipal em dois notáveis mandatos, anunciou que não iria jogar. Ele havia se descoberto tolstoiano e declarou: “Ganhar aquele jogo não faz mais sentido para mim; jogar futebol também não”.

A partida começou, e logo o capitão do Reco-Reco F.C percebeu que era Pantica quem estava jogando de ponta avançado. Ele lançou um olhar intrigante para Caveira, que tomou isso como uma ofensa. Logo, a chance que tinha era a de chegar à meta adversária e tentar formular mei'mundo de palavras enquanto corria, para perguntar:

— Qual é o plano agora?

Termina o primeiro tempo e os times voltam para a concentração, à sombra das braúnas. Evertin, para afastar o melindre, chama Babuja para uma conversa antes que, num ataque de raiva, este possa revelar, ainda que em pequenos lances, o mistério da dívida de 100 mil e 600 reais do cabaré dos senhorios do algodão, que ressabiava a província do oeste.

A fumaça de mato subia de um catimbó próximo, o sol já derreava no horizonte e as braúnas pareciam contar segredos antigos. Caiaba, que substituiu Camarão, colocou o pé numa bola chutada da linha de fundo ao goleiro. Antes disso, Pantica havia perdido um pênalti, arranjado pelo próprio Evertin. Não fosse por isso seriam pênaltis. Mas a redonda encontrou uma estranha e silenciosa paz no fundo da rede.

A GRANDE VIRADA

Ricardo Ferrer

Aquela temporada foi emblemática. Pela primeira vez, o relatório que circulava todo início de campeonato – e que apontava a ordem dos favoritos ao título, com base no investimento e organização das SAFs – acertou precisamente a ordem da tabela final de classificação, do primeiro ao sétimo lugar.

Nos dois anos seguintes, a precisão foi aumentando a tal ponto que imediatamente à divulgação do relatório, a pequena, mas animada tecno torcida do time do topo da lista, saía às ruas comemorando o título, com 38 rodadas de antecipação.

Rapidamente, os repórteres que cobriam a saída dos vestiários, começaram a cobrir a saída dos conselhos de acionistas dos times-empresas, e, cada vez mais, os programas esportivos davam espaço aos balancetes e aos lances dos executivos-cartolas.

No quarto ano, a reportagem denúncia que deveria causar comoção pública foi recebida de forma lacônica: não havia mais torcida espontânea nos estádios, as empresas-time mandantes contratavam suas tecno-torcidas-organizadas, enchen-

do mais ou menos os estádios, de acordo com a precisa medida que os algoritmos solicitavam para alcançar o resultado. O futebol estava morto, alguém decretou.

Até que...

Um vídeo feito pelo filho do Hélio Paçoca, capitão do Estrela Prateada do Grajaú, viralizou nas redes. Era a final do campeonato paulista de várzea, um jogo eletrizante, com duas viradas. Festa dos donos da casa, 4 a 2 contra o Biriba, do Imirim.

O simplório estádio estava lotado e animado. Vivo. O jogo foi truncado, com momentos de pura grosseria, e alguns lampejos de genialidade de ídolos anônimos. Logo, os jogos passaram a ser assistidos pelas redes sociais por um público maior, carente da emoção do futebol. Os jornalistas e repórteres começaram a cobrir os campeonatos regionais e nacionais da várzea como cobriam antes os times profissionais.

Um fenômeno novo aconteceu, algo difícil de ser explicado por especialistas e analistas, mas uma chave virou no cenário futebolístico. O que antes era o palco principal foi se apagando, anêmico de emoção. A vitalidade foi reencontrada onde tudo começou: nas periferias, nos campos de terra, no esforço diário de quem faz dupla jornada e joga uma pelada nas folgas, na carência do povo e no espírito de irmandade que surgia da dificuldade.

Um dia, o craque do time inglês, Gabriel da Cruz, lembrou das suas origens. Estava rico, famoso e saudável, mas triste de futebol. E anunciou, para espanto de todos, que, no auge da carreira, ele abandonaria o profissional para jogar no Resistência, da Água Branca. Era na várzea que se via aquilo que era autêntico, criativo, inesperado, impreciso. Um jogo de erros em que a genialidade aparece no jeitinho, em meio ao tumulto, na caneta que se dá no adverso da vida. O chapéu na injustiça.

Sempre foi assim, a várzea periférica era a fagulha da qual toda pompa e grana do profissional se alimentava, e nada voltava em troca. Porém algo mudou naquele momento, os ponteiros se inverteram e a atenção voltou-se para a fonte.

Epílogo

Com a atenção gerada pelo novo reforço, uma multinacional francesa chegou com uma mala de dinheiro para comprar o Resistência F. C.

Seu Chico, presidente da agremiação, escorraçou a turma apática de terno. Essa virada vocês não vão nos dar.

(Baseado em fatos ideais)

NOSSO MARADONA

Sérgio Gorni de Almeida

Maradona foi o melhor com quem joguei. Não o argentino, o nosso Maradona. Careca, preto e brasileiro, batizei-o assim pelo talento sobrenatural da perna esquerda, capaz de elevá-lo à condição de semideus, e pela tendência autodestrutiva materializada no tabagismo.

Qualquer que fosse o jogo, saía por último do vestiário com o cigarro na boca: “É só dar um susto no pulmão que ele pega no tranco”, dizia, escondendo fumo e isqueiro no meio para um pito no intervalo.

Segundo ele, um problema respiratório impedira sua profissionalização. “Fato exclusivamente genético, nada a ver com o tabaco”, enfatizava. Era também o que diminuía sua velocidade.

Mas quem precisa ser veloz quando se pode flutuar? Era assim que ele jogava: calçava as asas de Hermes e pairava no ar. Evitava buracos escondidos na terra batida e usava a canhoto para tabelar com o vento, mudar de direção e superar os marcadores. Os rivais, humanos, corriam para alcançá-lo, mas logo pisavam nas fendas dos campos e caíam abraçados aos tornozelos, abrindo o caminho do gol.

Um dia, jogávamos fora de casa valendo churrasco e cerveja. Ou seja, jogávamos valendo tudo. A cada lateral, éramos xingados. A cada escanteio, a torcida nos dizia que a coisa estava feia, o dono do time, bicheiro, descobrira a traição da mulher e só faltava uma derrota para ele pirar de vez e matar alguém. Eram as mesmas táticas que usávamos ao jogar em casa, por isso não temíamos. Mas aquele jogo nos faria ver a morte certa.

Tudo caminhava para um empate até que, nos segundos finais, Maradona marcou o mesmo gol que o argentino fizera na Copa, contra a Inglaterra. Não, não o do drible.

Bola alçada à área e o nosso Maradona subiu aos céus. Punho esquerdo em riste, desprezou as leis da física e resistiu à gravidade feito anarquista da bola. No choque entre duas forças da natureza, venceu a mais teimosa: Maradona parou no ar. Ficou ali até o juiz piscar e quando o árbitro piscou, nosso Maradona usou a mão, casou a bola com o gol e nos deu a vitória.

Percebendo que o juiz não vira a falta, o goleiro enrubesceu de raiva e vergonha, correu atrás do nosso herói e lhe acertou um soco. Em um jogo de corpo, Maradona se desvencilhou do rival e evitou novos ataques.

Nisso, os fanáticos pelo time do bairro invadiram o campo, armados com barras de ferro, bloqueando as saídas e ameaçando nossas vidas. O perigo ganhou forma, mas havia um impasse: embora proferida a sentença de morte, ninguém queria ser o carrasco.

Abusando da indiferença ou rendendo-se ao vício, Maradona aproveitou a hesitação e sacou fumo e isqueiro do meio. Supercílio aberto, sangue escorrendo, acendeu, tragou e exalou a fumaça. Diante da dúvida, súbito, veio a solução: caminhou até o goleiro a quem transformara em piada. Destemido e generoso como todo craque, estendeu a mão. Oferecia o cigarro, oferecia a paz.

Nosso futuro estava ali, nas mãos de quem só pode jogar com os pés. Os ventos não sopraram, os pássaros silenciaram e nós engolimos em seco.

O arqueiro sorriu e apontou para a boca. Pegar o cigarro com a luva parecia mesmo difícil. O craque posicionou o fumo diante do goleiro, que tragou duas vezes. Pronto. Sem uma palavra, munido apenas da simplicidade dos gênios da bola, nosso Maradona selou a paz.

O GRANDE DETALHE

Vanessa Didolich Cristani

Nos campos de meu Deus, embrenhados entre a igreja e a escola, ao corner da rua sem saída, na pracinha da vila ou da favela, não importa, a entrada é sempre gratuita. Para mim, os portões e as cortinas abrem-se independentemente do público; sobrevoou, com meus diversos trejeitos, porque o futebol, se vive, vive fecundado em mim.

Percorro uma rua cheia de carros silenciosos, estacionados, à espera dos donos abancados em cadeiras de praia como quem toma sol. Os desavisados sentam sobre o cimento frio da arquibancada acanhada; quem o sente volta ao tempo em que até mesmo os estádios renomados ofereciam a frialdade originária. A torcida da várzea é antes forte. Não que não haja subterfúgios para um bom entretenimento. Dentro de campo eu me esbaldo sobre bons toques, me entrego às jogadas ensaiadas, às faltas bem cobradas à entrada da área, às tentativas de voleios e bicicletas adaptadas a este ambiente, propício à experiência.

E como se não fosse impossível, fora dele eu presencio lisonjas. Na parede verde e amarela o canário só não canta mais alto que a jukebox a seu lado, despejando versões eletrônicas de

grandes sucessos internacionais. Disputada, há filas para inserir a nota de dois reais, o mesmo preço da água, que se confunde com o canário, não fosse a placa atrás do bicho indicando que também há pastel por cinco e Skol a treze reais, erguida todo o tempo pelos senhorzinhos através dos copos de trezentos mililitros amarelados, que abrem a recepção ao estádio do bairro. Simpáticos e fiéis não demoram a soltar seus perdigotos gelados, “que goleiro peruzeiro”, “mas contigo não dá!”, “Ele está fora de forma”, “ele é meu neto!”, diz à observadora a avó do goleiro. O guarda-redes, como que um pássaro a procurar o ninho, goleiro-canário, busca-me em silêncio, como quem abraça uma filha revolta, matreira. Os latinos têm-me por péla; eu a batizo pelada.

Mas não se engane! Não pense que me acanho se por onde rolo não há as oficialidades padronizadas e a relva verde; se não há o carro da tevê e locutoras e locutores a explanarem a escalação. Aqui eu perpasso os pés anônimos e me sinto bem – porque quem ama futebol, o ama sem distinções –, e eles me valorizam como uma amiga leal, dos sábados sem falta, do feriadinho desprezioso e dos finais de expedientes exitosos. Há quem diga que só sou bem tratada à europeia, salvo exceções, à brasileira, e me levam com deboche quando adentro aos confins das quatro linhas. Não se é mais feliz porque se é rico e não se é mais mágico porque se é simples; apenas se condensa uma volta, um retorno às peladas praticadas no Brasil pelos idos dos 1870, antes mesmo de Charles Miller implantar o bretão como marco.

Antes da minha “histrionice” sem flashes observo um homem caminhando a passos lentos pelo gramado, segurando uma pet de coca-cola com água, “ê Bebê, sai daí, o jogo já começou!”, grita o torcedor avisando o membro da diretoria mandante, que corre rumo ao portão de entrada/saída do

campo. No vestiário em que descanso, guardada na mochila de um dos jogadores, Nossa Senhora de Fátima observa à sua frente um campo de preleção e o balcão enfeitado com um latão de Original que complementa o sincretismo do local. Lá fora, um dos atletas encosta-se na pilastra e fuma um cigarro.

O TIME DOS COROINHAS

Francisco Falabella

Mamãe, orgulhosa, não se aguentava quando me via durante a missa. O entusiasmo era enorme. No entanto, a minha devoção tinha um motivo diferente da religião: o futebol. Os coroinhas podiam jogar de graça na quadra da igreja e não só isso: disputavam o campeonato dos times de várzea do bairro, com lanche e uniforme. Muito antes de pleitear o reino dos céus, eu queria era uma vaga no time dos coroinhas.

Os jogos aconteciam nas manhãs de domingo. Na *pelada* da igreja, era proibido falar palavrão. Os meninos usam termos diferentes, mas a forma que era falada soava ainda pior: *Tomate Cru, Ponte que caiu, Filho da Pulga...* Por isso, o padre elaborou novas regras: o futebol deveria ser jogado em silêncio; carrinho, empurrão e chute de dedão eram proibidos. O gol só poderia ser comemorado se fosse em glória a Deus. O padre era atento, marcava em cima, um pequeno deslize já era suficiente para que um menino fosse expulso da partida. Comandante disciplinador, ele queria ver jogo limpo.

Naquela tarde, Padre Marcondes reuniu os meninos no centro da quadra e fez a oração final. Notei que o Moisés me olhava torto. O coroinha ainda estava injuriado com o último gol. Após a reza, ele andou em minha direção. Eu não dei bola e descia a rua, junto com os meus amigos. Foi quando eu abri o portão e já

entrava em casa que eu senti a pancada. O coroinha, indignado, arremessou o seu chinelo na minha cabeça (pela dor, eu pensei que havia sido um tijolo). É briga!!! – alguém declarou, e uma roda foi formada. Eu tentava torcer o braço do coroinha, que puxava a minha orelha. Indignado pelo gol, Moisés me acusava: “Você entregou o gol para o Dedé só porque ele é seu amigo”. Aquele era um insulto inaceitável para um goleiro da minha categoria. O Dedé deu uma sorte rara; acertou um chute indefensável, no ângulo direito. Depois do jogo, eu apenas o cumprimentei por conseguir fazer um gol no futuro goleiro da seleção brasileira. A coisa toda não passava disso. No entanto, Moisés continuou com as provocações. Disse que eu mal sabia rezar e estava na igreja apenas para jogar bola. Como ele sabia disso? Eu nunca havia ficado com tanta raiva. Pobre do coroinha Moisés, que sofreu com os meus golpes furiosos. Só depois que um adulto separou a briga Moisés pôde correr chorando para sua casa.

Após uma semana, um sentimento de culpa cristã bateu e eu pedi desculpas ao coroinha Moisés, que agora morria de medo de mim. Não demorou e a história correu o bairro e chegou aos ouvidos do Padre. Chocado com a situação, ele expulsou (do time e da igreja) todos que participaram da briga. Contudo, o time da igreja começava a lamentar as ausências e sofreu goleadas seguidas no campeonato do bairro. O rigoroso Padre Marcondes já cogitava flexibilizar as suas regras. De tanto expulsar os meninos, ele mal conseguia completar uma equipe e sua missa andava vazia, como estádio de time rebaixado. Mas sua exigência era clara: era preciso reconhecer os seus pecados para receber o perdão. No confessionário da igreja, eu fiz minha revelação: “Padre, eu, de fato, entreguei aquele gol para o Dedé. Outra coisa, eu sou ateu, estou aqui só pelo futebol. Pronto! Agora, posso voltar para o time?”. Ele olhou assustado. Rezei vinte *Ave-Marias* e quinze *Padre-Nossos*.

VÁRZEAS E VAZANTES

Francesco Jordani Rodrigues

Da floresta amazônica às restingas fluminenses, do planalto central aos charcos do sul, nossas várzeas brotam dos ciclos e vontades da natureza. O campo outrora seco parece se reservar à acolhida das águas, as quais após transbordarem escoam pelas fissuras da terra, para de novo se esconderem. Nenhum ambiente poderia ser tão propício à criação e permanente reinvenção do futebol brasileiro quanto nossas várzeas. Remodeladas pela infinita sucessão de secas e cheias, guardam em si a promessa dos reinícios.

Há séculos e séculos, foi nas várzeas do Rio Juruena, terras do futuro Mato Grosso, que o deus Wazare semeou nos corações da tribo Paresí o culto aos rituais e jogos coletivos. Foi Wazare quem ensinou que na panela de barro quente deveria ser espalhada a seiva da mangaba até que ela ganhasse liga e espessura. Disse ainda que, quando a massa secasse, deveria ser dobrada, para só então receber um sopro de vida. Inflada, nascia então uma esfera sagrada, perfeita para a prática do *jikunahati*, o futebol de cabeça. Os indígenas do planalto central moldaram, assim, uma espécie de gênese e ancestralidade do nosso futebol – lúdica, festiva, integradora, criativa.

Nossos campos de futebol formam um mapa oculto da

nossa íntima relação com a terra, com a nossa sede de pertencimento e identificação. Seria possível contar boa parte da história das carências, potências e até mesmo da mentalidade do povo brasileiro, atravessando nossos terrenos baldios, margens dos rios e areias das praias, procurando colher memórias e histórias de meninas e meninos, mulheres e homens em torno deste mistério fantasiado de esporte.

Não faltariam exemplos os mais ricos. Foi à beira do Córrego da Saracura, margeado pela Rua Celeste, em São Paulo, que “El Tigre” Arthur Friedenreich iniciou a trajetória que o levou a ser o primeiro jogador negro do futebol brasileiro. O menino Garrincha, com as pernas arqueadas como dois enigmas, podia ser visto, dia sim dia também, no açude Inhomirim, tomando banho de cachoeira entre passeios a cavalo e jogos nas várzeas de Pau Grande. Garrincha tinha nome de pássaro e alçou voos altos sobre a mediocridade, a indiferença e a lógica banal. E, na terra batida do interior de Alagoas, a pequena Marta esvoaçou seus cabelos por descampados e paragens, trazendo consigo uma tempestade de dribles e gols que a levou ao Rasgabola, equipe amadora de Dois Riachos. À revelia de uma pretensa e estúpida macheza, a menina virou atleta, rainha, lenda.

Neste país de injustiças continentais, também campo de ferrenhas e urgentes batalhas, nossas várzeas são berçários de incontáveis sonhos daquelas e daqueles que esperam pela chance de extravasar seus talentos, modelando a argila com a planta dos pés. Nossos campos são veias e veios da pulsação inquieta de um povo que traz no sangue sua inquietude, seus transbordamentos. Como num ciclo ininterrupto, sempre que avistamos novas várzeas, de bate-pronto nos encharcamos. E de novo, de novo, e de novo, estamos entregues por completo ao jogo, ao rito, ao encontro, ao segredo mais fundo de si – que só conhece quem se inunda e se joga... Dos pés à cabeça.

ZAGUEIRADAS

Elisa Massa

No bairro da Serra, as pessoas eram separadas pelos times de várzea. Sendo assim, a diversidade humana era dividida entre três castas: o time dos ditos “bandidos do bairro” era o *Guaxupé F.C.*; o time dos policiais se chamava *Grêmio General Getúlio*; e o time dos bebuns que frequentavam o bar do Bigode era o autointitulado *Esquadrão do Bigode* – que tinha como centroavante o lendário *Toninho Cachaça*. Sua rotina peculiar incluía doses generosas de pileque antes de cada partida. Quando não tomava, não marcava. Na Serra, rezava a lenda que a cada copo de cachaça, melhor ele jogava. Sóbrio, era mais grosso que o Dadá; bêbado, mais habilidoso que o Pelé.

Próximo ao campinho, havia o conjunto militar. Assim, dentro de campo e na arquibancada, todos andavam armados: na menor das confusões, era tiro para o alto e uma correria desgraçada. Antes do jogo, o próprio *General Getúlio* revistava os times e apreendia armas de todos os tipos: revólver, canivetes, pedaço de pau. Não raro, alguém ia preso.

Naquela época, não era comum mulher jogar futebol. Mas como eu era a filha do Getúlio, eles abriram uma exceção e

colocavam uma moça em cada time. Gosto de pensar que ganhei a minha titularidade em campo e por isso nunca era substituída. Também era verdade que era papai quem apitava os jogos e isso me dava uma certa liberdade. Meus carrinhos maldosos na canela dos adversários eram sempre permitidos. “SEGUE O JOGO!” dizia ele, com um sorriso de canto de boca e um orgulho paternal em seus olhos. Penalidade, papai nunca marcava contra a gente. Não adiantava o adversário reclamar. Na verdade, não havia pestanejo: todos ficavam intimidados pelo revólver em sua cintura.

O *Guaxupé F.C.* foi lentamente desaparecendo, já que a maioria dos jogadores eram presos devido à rivalidade dentro e fora do campo. Assim, coube ao *Esquadrão do Bigode* abrigar os que sobraram. Essa rixa não se restringia ao campo: era proibido namorar irmãs, filhas e primas do outro time. Mas, secretamente, eu tinha uma queda por uma zagueira do antigo *Guaxupé*, que coçava a cabeça quando jogava. Assim, aprendi: se o juiz não vê, não é falta! No amor, eu entrei de sola.

Naquele dia, jogávamos uma final de campeonato e o zero a zero se arrastava. O jogo já estava para encerrar, quando o atacante do nosso time deu um belo chute no ângulo. Seria o gol que decretaria a nossa vitória, mas o impossível aconteceu: o (sempre vazado) *Peneira*, goleiro do *Bigode*, voou e foi buscar. No rebote, *Piolho* pegou a bola na defesa, abaixou a cabeça e driblou o primeiro. *Bigode* rapidamente correu para o seu carro, pois era conhecedor da jogada. O próprio Getúlio, que apitava a partida, gritou em pânico: “DERRUBA A PIOLHO, ADA!”. Mas ela passou pela zaga, driblou o nosso goleiro e rolou a bola para dentro da rede. Na comemoração, todo o *Esquadrão do Bigode* correu para dentro da Kombi estacionada na marca de escanteio. Como combinado, eu tam-

bém pulei para dentro do carro. O português acelerou e assim eles fugiram com a inédita vitória – e a zagueira adversária. Os militares até tentaram sacar revólver, mas já era tarde. A Kombi já não era mais vista. O bar do Bigode nunca mais abriu. Em toda Serra, via-se o cartaz pregado: “*Procura-se Piolho: Ladra habilidosa, conhecida por suas zagueiradas*”.

2023
AS MULHERES E O FUTEBOL

Comissão Julgadora:
Amanda Porfírio, Mariana Santos,
Olga Bagatini e Renata Beltrão.

Parceira: Revista Placar e ONU Mulheres.

MINA BOLEIRA

Clélia Marques Gorski

1º lugar – 2023

Olho pra ela feliz da vida com a compra que ela mesma acabara de fazer, a passagem pra a Austrália pra assistir à *Copa do Mundo de Futebol Feminino*, e logo penso na final do Campeonato Paulista de 1995: por que afinal não comprei a camisa do Corinthians pra ela também, além de ter comprado pro seu irmão? O Corinthians venceu, mas eu perdi uma chance clara de gol com a minha filha...

São paixões de torcedores! Ainda bem que aquela pisada de bola não tirou minha filha das arquibancadas. E olha que hoje ela é uma mina boleira de fins de semana e quem fica na arquibancada sou eu quando ela joga.

Pois bem... estou agora num verdadeiro tapete verde pra jogar uma boa partida com minha filha e eu não posso perder esse lance de jeito nenhum. Pergunto se já tem a camisa oficial da nossa Seleção Feminina e ela, sem pipocar, responde de pronto: “ainda não, mãe!”.

Pensei em fazer cera pra valorizar ainda mais o passe, mas não a ponto de levar à prorrogação: agora era a hora de colocar em jogo meu esquema tático de pedido de desculpas.

Estávamos com o estádio vazio, só ela e eu, e tudo o que eu queria era vê-la ainda mais feliz, deixando pra trás de uma vez aquela imagem dela chorando por não ter a camisa do seu time do coração pra comemorar.

Então, na dividida entre apostar que ela iria adorar receber a camisa de presente ou temer que ela lembrasse daquela comemoração na final de 1995 e marcasse penalidade máxima, fiquei eu como uma pipoqueira, pensando no melhor drible da situação.

Minha filha é craque: no futebol e na vida! Logo percebeu que eu estava fazendo firula e já isolou a bola: “vou tirar meu time de campo, mãe, já é tarde”.

E me deu um beijo de despedida.

Ora, essa! Não podia perder a oportunidade por WO, até porque nós duas jogamos no mesmo time!

Então, quando ela se virou em direção à porta, matei no peito e mandei de bicicleta: “eu vou te dar de presente a camisa oficial da Seleção feminina, filha!”.

De imediato, ela virou-se de volta em minha direção, colocou sua mochila no chão e tirou de lá um papel. Levantou, caminhou até mim e falou enquanto me entregava o bilhete: “mas vai ter que comprar mais uma camisa... e pra você, mãe! Porque este papel que acabei de lhe dar é a sua passagem pra ir assistir à *Copa do Mundo de Futebol Feminino* na Austrália comigo!”.

“Foi um gol de anjo, um verdadeiro gol de placa”, num jogo de ganha-ganha, daqueles pra se comemorar a vida inteira. Afinal, a bola entrou onde a coruja faz o ninho e, neste caso, o tirambaço acertou meu coração!

PÊNALTI

Julia Leite

2º lugar – 2023

Qual é a velocidade de um gol? Chutando um número: 100 km/h. O equivalente a um guepardo correndo. Um furacão. Uma rolha de champanhe voando no ano novo. Uma montanha russa. Um frio na barriga. A velocidade de um gol é exatamente a mesma velocidade com que o discurso de Marta na eliminação da Copa em 2019 atinge meu peito: “o futebol feminino depende de vocês para sobreviver”. 100 km/h é a velocidade da minha autoestima. A velocidade do *meu* gol é a mesma fração de instantes com que a boca dos meninos que desmereciam meu futebol se cala. A velocidade de um gol é a velocidade de uma glória florescendo num campo.

Não consegui medir a velocidade da interrupção. Foi tão rápido quanto cortar um parágrafo – mas eu queria ter continuado na linha, jogando. 100 km/h foi a pressa do meu pai no carro quando contei que havia me lesionado. Sei que no instante em que a ruptura acontece, cabe um grito de dor e 3 vislumbres: o raio X da perna torta de Garrincha, Neymar saindo com o tornozelo inchado da última Copa e a Marta emocionada ao jogar pela primeira vez após a recuperação de 11 meses de uma lesão. São imagens que me assustam, mas me convocam.

Há um mês rompi completamente dois ligamentos e desde então venho me esforçando para me recuperar. Aí perguntam: “por que você não tenta jogar tênis ou andar de bike?”. Nada contra, mas a bicicleta que conheço é o mortal de costas que você dá para chutar a bola. Jogar futebol é como um idioma, você não vai entender se não for fluente. E certas sensações não têm tradução em outra língua. Eu posso falar “I miss you” ou “te echo de menos”, mas nenhuma expressão enche minha boca como “saudade”. Futebol é minha “saudade” guardada na ponta da língua. Na ponta do pé. Eu gosto de acordar feliz numa segunda porque vou jogar, de escolher qual das minhas camisas do Brasil vestirei: a da seleção de 94 – ano em que nasci – ou a de 70 – ano que Pelé brilhou, quem sabe não brilho hoje também? –, gosto de fazer um passe decisivo para outra pessoa brilhar, de ser elogiada por correr muito, do cheiro de amaciante dos coletes toda vez que alguém traz de casa, gosto de fazer gol no time do garoto que ninguém consegue parar porque ele tem 2 metros de perna, gosto da Pabllo Vittar cantando “seu amor me pegou” na caixa de som – hino de torcida séria –, gosto de dedicar mentalmente meus gols a pessoas que amo como se bolas fossem estrelas cadentes e, por mais que eu odeie me lesionar, gosto da forma como meus colegas me carregam com cuidado para seguir em frente.

Eu diria que essa é uma carta a todos que me perguntaram recentemente se eu vou continuar jogando. Pois saibam: eu já jogo. A Marta declama com as pernas o que eu driblo com os dedos. Aqui, posso fazer uma palavra dar trivela e encontrar algum canto em alguém. Sim, a página é um pênalti pronto para te atravessar.

Autoriza o árbitro.
quando meu pé
não for o suficiente

meus dedos
me tornarão
desimpedida
na boca do gol
na boca do povo
chuto palavras
preencho vazios
a 100 km/h

|

|

DONA KETU, ONDE É QUE A CORUJA DORME?

Juliana do Nascimento Correia

3º lugar – 2023

Manhã de domingo de verão carioca, em 2023. No campinho de futebol, um minuto de silêncio antes da partida foi o suficiente para eu sofrer de saudade. Agradei a existência de dona Ketu, mulher preta, enfermeira aposentada do hospital municipal que funciona no bairro. Viúva, não teve filhos, mas foi a grande matriarca aqui da comunidade.

Engajada em tudo o que trouxesse melhorias às nossas vidas, costumávamos dizer que ela era também árbitra, técnica, preparadora física e torcedora histórica dos times de futebol que se multiplicaram no alto do morro. Tudo ao mesmo tempo. Apaixonada por futebol, sempre incentivou as meninas para que também jogassem no campo de terra batida. Mediou tensões entre os garotos, inclusive os mais temidos, famosos não necessariamente por serem craques da bola.

Dias antes, minha mãe contou que toda a comunidade se reunia em volta da televisão de dona Ketu para acompanhar os jogos da Copa do Mundo de 1962. Ela ganhou o aparelho de uma médica do hospital onde labutava, tornando-se a primeira moradora do morro a ter uma TV. E colocava o aparelho

para fora de casa para que toda a vizinhança acompanhasse as partidas. Enquanto o povo se aglomerava, dona Ketu enrolava um pedaço de esponja de palha de aço à antena do televisor, tentando garantir a transmissão. A esta altura, as crianças se deliciavam com a pipoca preparada por ela, disponível em uma grande bacia de plástico que circulava de mão em mão.

Quando a Seleção Brasileira marcava um gol, a euforia era geral. Até quem estivesse brigado se abraçava, comemorando.

Ela viu nascer e crescer muitas gerações de pessoas aqui do morro. Faz parte da vida de cada um de nós. Não havia quem não lhe respeitasse, quem não lhe tomasse a bênção. Não havia quem não tivesse uma boa lembrança e não estivesse em lágrimas, assim como eu, durante aquele minuto de silêncio.

Em 1990, estive pela primeira vez no Maracanã. Eu tinha apenas 8 anos de idade e, graças aos passeios organizados por ela, entrei no maior estádio do mundo (à época). Dona Ketu conhecia muita gente no hospital, recebia convites para visitas e eventos, mas não aceitava ir sozinha. Fazia questão de levar a comunidade junto, da forma que fosse possível. No caso do Maracanã, não era diferente: ia sempre acompanhada por um grupo de crianças e adolescentes do morro.

Tal passeio ficou marcado em meu coração: lembro dos vestiários, das fotografias e camisas expostas. Sem contar a hora de pisar aquele gramado, palco de grandes momentos do futebol. Na ocasião, nos foi permitido cobrar um pênalti. Ela, que não perdia a oportunidade de nos educar, se aproximou de mim e disse para que eu chutasse a bola lá onde a coruja dorme.

— Dona Ketu, onde é que a coruja dorme?, questionei.

Ela gargalhou alto. De repente, ficou bem séria, correu, deu um bico na bola com toda força que alcançou o ângulo superior esquerdo do gol. A rede balançou logo em seguida.

— Viu?, ela me respondeu, sorrindo.

Dona Ketu continuará viva em meu coração. Em cada detalhe na ornamentação da favela nas próximas copas, em cada drible no campinho e nos desafios cotidianos, em cada vez que um gol for marcado lá, no ângulo entre a trave e o travessão. Bem onde a coruja dorme.

A FELICIDADE, A LIBERDADE E O FUTEBOL

Cris Monte Mor

Menção honrosa – 2023

Dona Tereza descia o morro correndo para não perder o ônibus. Estava atrasada para assistir ao jogo do seu time do coração. Acenou ao motorista para abrir a porta e apresentou a sua carteirinha da terceira idade para não pagar a passagem, enquanto se ajeitava num dos bancos da frente.

— Obrigada, meu filho, achei que ia perder o ônibus. – disse ela ofegante.

— A senhora tem que tomar cuidado, uma hora pode dar um piripaque se ficar correndo assim.

— Piripaque nada, tenho sessenta e oito anos e já vivi muito nessa vida pra morrer às vésperas de ver meu time ganhar o campeonato carioca.

— A senhora falando assim até parece que entende muito de futebol.

— E tá falando isso por quê? Pela minha idade ou por eu ser mulher?

— Não quis ofender nada não senhora, mas é que nunca

vi uma mulher da sua idade correr tanto pra pegar um ônibus pra ir ao Maracanã assistir a um jogo de futebol, só isso.

— Olha que se bobear sei mais de futebol que você, e se quiser fazer um teste é só começar. Pergunte o que quiser que eu respondo.

— Não senhora, quem sou eu pra ficar questionando a sua sabedoria? Só achei diferente mesmo.

— Eu aprendi a gostar de futebol quando via o Zico jogar, era um espetáculo, uma arte. Aqueles dribles, as estratégias, os confrontos e o coro da torcida, tudo isso sempre me emocionava.

— É bonito mesmo.

— Só que meu marido nunca me deixava assistir ao jogo e muito menos torcer, dizia que era coisa de homens e que eu tinha é que cuidar da casa. Eu chorava toda vez que o meu Flamengo jogava porque eu não podia assistir. Tentava espiar sem ser notada enquanto fazia o serviço da casa.

— Poxa, que difícil.

— Muito, e eu comecei a decorar a casa com alguns detalhes em preto e vermelho e ele nem notava. Usava alguns acessórios e até roupa em algumas ocasiões. E foi assim por muito tempo, até o dia que ele se foi.

— Ele morreu, senhora?

— É, ele morreu e aí eu pude começar a me organizar pra ver os meus jogos e torcer pro meu time sem me preocupar.

— É por isso que a senhora está com as unhas pintadas de vermelho e preto, com a camisa do time, seu cabelo é bem pretinho e seu batom vermelho?

— Isso filho, você acertou – falou com muito entusiasmo – e é uma pena que não sou mais nova. Pois ia querer ser jogadora de futebol também.

— É, a senhora gosta mesmo de futebol.

— Gosto filho, na verdade amo. E ainda mais importante é a liberdade de poder ser quem a gente quer ser e torcer pra o que a gente gosta.

— Isso é verdade, deve ser muito ruim não poder fazer as coisas que se gosta. E seu marido, morreu quando?

— Ontem, filho. E hoje de manhã foi o enterro.

2022
TORCIDA

Comissão Julgadora:
Fábio Altman, Milly Lacombe e Renata Beltrão.

Parceira: Revista Placar.

UM TIME PARA CADA EU

Kíssila Muzy

1º lugar – 2022

Minha vida de torcedora é marcada por decisões de ordem emocional. Não que me seja uma exclusividade. O que relato é bem comum, ao menos no Brasil.

É compreensível que filhos herdem o time dos pais. O que mais se vê são famílias inteiras entoando o mesmo hino e meu percurso não fugiu à regra. Mas não dura para sempre.

Quando me dei por gente, por volta de três anos de idade, já torcia pelo Vasco. Típico de uma boa filha única de um vascaíno doente, desses que secam o Flamengo em todos os jogos que passam na tevê.

Por falar em Flamengo, na adolescência percebi que as pessoas mais legais eram flamenguistas. Eu, menina do subúrbio do Rio de Janeiro, ia até a Zona Sul da cidade para visitar minhas tias rubro-negras, muito mais descoladas e divertidas que o meu problemático velho. Minha fase antipai não me permitia continuar vascaína e eu vesti a alma de vermelho e preto. Adulta, andei dizendo em alto e bom tom que meu sonho era ter uma camisa oficial do clube. Fosse por desconfiança ou po-

breza dos que me cercavam, de nada adiantou o anúncio, nunca fui agraciada com o presente.

Aos quase trinta anos, subi a serra e troquei o Flamengo por dois times de futebol – e não é porque valesse por dois: tamanho de torcida e monte de títulos não me impressionam. Já deve estar claro que minhas escolhas dão-se menos por conquistas coletivas que revoluções próprias.

Primeiramente, vim morar em Nova Friburgo. Cidade bonita, segura, natureza mais preservada que a média e povo agradável. Logo fiz dois filhos e aloquei o Friburguense no meu coração. Não dá para viver aqui sem torcer pelo Frizão. Ainda por cima, o estádio fica no caminho de casa. Não teve jeito, adotei o Tricolor da Serra.

Mas nada se compara à derradeira virada de casaca: além de torcer pelo Friburguense porque a cidade é minha pátria, a paixão que encerrou os treinos do passado sem deixar espaço para reviravoltas só poderia ser o...

Antes da revelação, devo antecipar minha defesa contra quem me acusar de me prender a tudo menos ao clube em si. Pode até ser a primeira impressão de quem lê esta crônica, afinal, peguei o time do meu marido e o chamei de meu.

Fui apresentada a um clube grande, tradicional e campeão, que busca a inovação enquanto padece de uma sede de títulos após um passado glorioso. Vibrar por ele me inspira a ser e agir como os seus simpáticos torcedores que persistem na luta com leveza. Zoam e são zoados sem que se torne motivo para violência. Mesmo perdendo (e como!), seguem com seus ídolos, sem perder de vista que a culpa é sempre dos cartolas. As dívidas astronômicas não apagam sua história nem mancham o passado estelar de clube que mais jogadores enviou para a seleção brasileira. E é um dos mais profícuos em produção de memes, importante critério na atualidade.

Sim, leitores, sou Botafogo de Futebol e Regatas. Ao ponto de me emocionar com os cantos e ser tomada pela energia que emana da massa alvinegra pronta para dar aquela moral à equipe.

Espero que este relato me poupe em definitivo dos meus amigos: “Você não era Vasco que nem teu pai? Não era flamenguista? E aquela camisa do Friburguense, fez o que com ela?”

A escolha do time não tem a ver com estatísticas de desempenho. Há muito de identificação pessoal, partilha de valores e até química. É quase uma questão de pele.

UM ILUSTRE TORCEDOR

Matheus Dias

2º lugar – 2022

A rua está mais vazia que de costume, mas dessa vez ele sabe porquê. Deve estar quase na hora. Há que ritualizar, preparar seu salão. Dispõe o espaço de praticamente um metro², escondido entre dois canteiros de concreto e um carro estacionado atrás. Um inoportuno poste num canto esquerdo a tomar-lhe 20 cm (mediu uma vez) e um bueiro – que testou sua fé na época em que eles se transformaram em bombas relógio – compõem a estrutura da casa improvisada numa estreita rua da zona sul do Rio de Janeiro. Gosta desse cantinho, especificamente, apesar dos pesares e da falta de cobertura atrapalhar em dias de chuva.

Ama o futebol como qualquer outro e bem sente falta de não poder se meter em descompromissadas peladas pela orla da praia. Culpa dum ferimento maltratado na perna direita, de quando morou uns dias numa obra mal fiscalizada. Quando o pegaram, teve de correr em meio aos entulhos e uma viga de aço enferrujada lhe atravessou a canela. Era um bom ala quando não estava de porre e nos dias que almoçava.

A pejeja deve estar pra começar, quem não está em casa escolheu um bar pra acompanhar. Ele senta em sua poltrona de praia, estende em um dos canteiros a surrada camisa do Flamengo, cuidadosamente retirada de seu armário de alças, e cruza as mãos. Resta esperar. Não consegue ver o jogo sem tomar um pilequinho, e dado o nervosismo desse em especial, pelo que ouviu de taxistas no ponto do bicho, ninguém lhe ouvirá as súplicas enquanto o cronômetro estiver rodando. Mais vale acompanhar por gritos desesperados vindos das janelas ou de apressados moradores que passem pelo seu quintal, sempre conferindo o relógio ao perceberem o olhar:

— Quanto tá o jogo?

— Não sei.

Sempre atrasados pra um compromisso.

Anoitecendo, finda a batalha, ele rodearia os bares a colher os louros da vitória ou a tragédia da derrota. Vestido como todos, não seriam grandes as dificuldades de conseguir uma dose com um porteiro aqui, outra com um doutor ali. Estava pronto a encarnar o papel que o destino escolhesse. Derrotado, vai chorar entre soluços de marmanjos e donzelas abraçados, repassando cada detalhe dos erros cometidos por hesitosas pernas tropeçando pela grama. Vai fazer sessões de análise em tormentosas almas esvaziadas pela perda irreparável. Mas se viesse a vitória. Ah, se vier a vitória! Sua cabeça rolando pelo Maracanã! Vai sambar por todos os becos, vai acompanhar os infinitos replays a cada parada, vai fazer milhares de amigos pela noite. Ninguém tira a festa desse ilustre torcedor.

GOSTARIA DE TÊ-LO AQUI

Stephanie Calazans

3º lugar – 2022

O dia não era dos mais bonitos, mas papai insistia em me tirar de debaixo das cobertas. Eu entendo a preocupação dele. É raro me ver fora da cama e eu nem sei mesmo se os dias estão nublados ou se sou eu que estou.

É assim desde que meu irmão morreu. As últimas palavras que vociferei, quando aconteceu, foram gritos de uma dor negacionista que se recusava a aceitar que, agora, para encontrá-lo, só no cemitério. “Prefiro não sair nunca mais”.

Entretanto, ele já tentou me levar ao parque. Na sorveteria. Até a uma feirinha de adoção, em uma tentativa desesperada de fazer alguma coisa brotar dentro de mim.

Não é culpa dele.

Mas me esforço para fazer sua vontade. De alguma forma, me sinto ainda mais culpada por vê-lo tentando tanto me arrancar um sorriso. Ele não aceita que já estou fria por dentro.

Levanto sem perguntar para onde vamos. Não faz diferença. Em poucos minutos já estarei lutando contra as lágrimas que insistirão em cair do meu rosto quando alguma coisa, qualquer coisa, me fizer lembrar dele.

E então percebo que meu pai enlouqueceu de vez. Por um instante cheguei a pensar que ele estaria me levando para um show e me tremi ao imaginar quantas horas passaria ali, ouvindo músicas que fatalmente me lembrariam de meu irmão. Mas é pior. É um estádio de futebol.

Era o programa preferido dos dois. É tão óbvio que tudo isso colocará nós dois em prantos: lembrar do meu irmão cantando a plenos pulmões, incentivando aqueles homens como se sua vida dependesse disso. O que deu no meu pai?

Decido não contestar. Não é justo estragar uma memória boa. Mas não consigo parar de me perguntar, por que isso era tão importante para ele? Homens correndo atrás de uma bola.

Meu pai começa a entoar um canto e me sinto constrangida em não acompanhar. A letra é fácil. Então, quando vejo, já me juntei timidamente àquele mar branco de gente que tem um único objetivo: não se deixar vencer.

É divertido ver aquelas pessoas tão irritadas com um jogo. “Se esse fosse o maior dos meus problemas”, penso.

No fim, percebo que a vida ali é mais simples. A pipoca está murcha, o refrigerante está sem gás, mas não importa. A missão é apenas uma e todos ali estão juntos por ela. Ninguém vai aceitar a derrota.

Depois de aproveitar da sensação consoladora de gritar e xingar descontroladamente pessoas para quem a minha descarga emocional nem estava direcionada, sinto minhas mãos suadas. Meu coração acelera e há pulsação.

O grito de gol veio do nada e saiu com tanta força, tanta energia, que aqueceu o resto do meu corpo por completo.

Os sinalizadores dificultam a minha respiração, mas eu não me importo. Vejo, entre a fumaça, que começa um movimento de “ola” lá na outra ponta da arquibancada. Ela vem acompanhando um fio de luz que brilha no sinalizador. Parece que

alguém corre entre os degraus, porque ela vem cada vez mais na minha direção e, quanto mais chega perto, mais cresce o calor dentro de mim.

É então que me viro para meu pai, com lágrimas nos olhos, e pergunto porque ele decidiu me trazer para o lugar que mais me lembra meu irmão.

“Você já está sentindo, filha?”, perguntou ele, os olhos marejados. “Este lugar não te lembra seu irmão. Este lugar guarda seu irmão. Ele está aqui agora. Correndo quente nas veias do seu corpo. Você já está sentindo?”.

TORCEDOR POR ADOÇÃO

Luciano S. R. Dias

Menção honrosa – 2022

14 de abril de 2022, quinta-feira, quatro anos, sete meses e quinze dias da emissão do “Certificado de Habilitação para Adoção”, o celular, deixado à mesa de centro da sala de estar, toca. Atendo. Do outro lado da linha uma voz impessoal informa: sai solidão, entra menino de 7 anos.

O coração da torcida de uma pessoa só acelera. O candidato a pai dribla a inércia, acelera em direção à igreja, tabela com o Divino, passa pela Quinta-feira Santa, pela Sexta-feira da Paixão, pelo Sábado de Aleluia, pelo Domingo de Páscoa... na Segunda-feira Especial, liga para o abrigo onde vive o pequeno torcedor Cláudio, e marca uma visita.

Uma eternidade de sete dias passada e vou ao encontro do futuro. É 25 de abril, dia de festa. Bolo, doces e cachorro-quente para comemorar o aniversário do coleguinha de abrigo, Jorge.

Antes dos parabéns, visto a camisa de tio e entro em campo para jogar futebol totó com Cláudio. Parte menos talentosa da dupla, apenas corujo. Renuncio à concentração pela felicidade de admirar a destreza do goleador nato. Talento único no co-

mando das varetas e nos chutes perfeitos em giros de 180 e 360 graus. Vencemos com 6 gols dele a 5 frangos meus.

Antes do fim da partida, arrisco e lanço a pergunta de 100 milhões de euros: “qual o seu time, Cláudio?”.

A certeza de ouvir “Fluminense” não dura dois segundos. “Vasco”, responde sem tirar os olhos da bolinha.

Sigo o manual do bom adotante e, escondendo minha frustração, digo apenas “Vasco, que legal!”

Fim de jogo. Me despeço do time dos tios.

Terça, 26 de abril, renasço pelas mãos do filho. O centroavante do totó me convoca para ser pai.

Haaaaaja coração.

É só alegria. Não.

Existe um navegador português entre nós. Uma espinha de bacalhau entalada na garganta.

Tudo quase perfeito. Meu filho, um menino lindo, saudável, amável, rei do totó e do bafo, pipeiro de primeira e... vascaíno. Mas o navio lusitano iria naufragar. Algo me dizia que Cláudio, no calor da partida, se confundiu. Minha intuição não falhou.

Sexta, 29 de abril, reformulo a pergunta: “Você é mesmo vascaíno, filho?”.

“Não. Sou Flamengo. Adoro o GabiGol”.

Fiquei rubro e quase infartei. Mantive a elegância tricolor diante da espontaneidade da frase do agora filho e da presença da assistente social, que, animada, completou: “ainda tem o Bruno Henrique”.

Conformado. Ou melhor, inconformado, passei dias pensando: “como o meu filho pode ser vascaíno um dia e flamenquista no outro?”. Na semana seguinte, terça, 03 de maio, recorro ao VAR. No fim da tarde, no gramado nos fundos do abrigo, sentado ao lado de Cláudio e da sua amiga, a Cristina, quis tirar a prova dos nove.

“Filho, afinal de contas, você torce para o Vasco, para o Flamengo, para...”. Antes de pronunciar Fluminense, Cristina mostra o cartão vermelho e, com a frieza de um juiz alemão, afunda minha crença em milagre: “Ele era Vasco e trocou para o Flamengo”. Silêncio na arquibancada. Recolho minha bandeira. Mas, aos 44 minutos do segundo tempo, o ex-vascaíno troca a emoção pelo afeto e confirma a minha fé na humanidade: “Posso ser Tricolor se você quiser, pai”.

Silêncio na arquibancada. O pai abraça o filho e troca a emoção pela liberdade de escolha. “Não, meu filho. Você pode ser o time que quiser... até Flamengo”.

PRORROGAÇÃO

GOLAÇO

Franklin Valverde

Jô Soares dizia que os livros lhe davam dois prazeres: o de ler a obra, evidentemente, e o outro era o de comprá-los. Só o fato de adquirir o exemplar querido já era motivo de alegria. Este é um livro sobre futebol, o que traz – ou faz lembrar – para os amantes dessa cantada paixão nacional, muitos outros prazeres. Muitas brasileiras e brasileiros vivem e respiram futebol, o que faz com que ele seja visto como patrimônio imaterial do nosso povo.

Temos o nosso primeiro prazer no futebol quando o descobrimos, para a maioria das pessoas ainda na infância, vendo fascinados a bola passeando de pé em pé, passando pelas mãos, pela cabeça e por outras partes do corpo humano. Depois ele continua no momento em que, nós mesmos, temos esse contato físico com a redondinha. E quando esse prazer explode em gol, somos os próprios artífices desse plástico instante ou, então, quando vemos alguém com o distintivo de nossa predileção realizar essa deliciosa façanha, é um prazer catártico...

Os prazeres futebolísticos continuam quando falamos ou lemos textos que relatam esse fantástico mundo. Este **Na ponta das canetas** é pródigo em nos brindar com esses instantes,

sendo sempre possível repeti-los a cada vez que abrimos a suas páginas. Com a realização desse projeto o Museu do Futebol marcou um golaço, um gol digno de Pelé, ícone maior do futebol mundial, que sempre brilhou na praça esportiva que hoje abriga essa instituição.

Na ponta das canetas deu espaço para vários temas caros ao futebol. O primeiro deles foi a *Torcida*, peça fundamental para o espetáculo, responsável por enriquecê-lo com as múltiplas cores de suas bandeiras e as ruidosas trilhas sonoras de seus hinos e cânticos que movem multidões.

O segundo certame, *As mulheres e o futebol*, deu espaço para a diversidade, mostrando que há muito o futebol deixou de ser, como diziam, “uma coisa de homens”, provando que as mulheres competem em pé de igualdade, tanto em campo como nas páginas de papel. Isso fica explícito nos deliciosos relatos produzidos pelas mulheres. Elas deram o colorido que faltava a esse universo, mostrando que também são craques em todas as expressões do futebol.

E, finalmente, o espaço dedicado ao tema *A várzea e o futebol*, o chamado futebol raiz, aquele que revelou tantos craques nos campinhos e nos terrões por esse brasilzão afora. As crônicas contemplaram causos que enriquecem o folclore existente no futebol, revelando que ele ainda guarda muita poesia.

Assim finalizamos este volume, como faz a crônica esportiva brasileira ao fim de cada jogo, destacando o que mais marcou a partida, torcendo para que venham novos certames com outros temas sobre esse incrível mundo do futebol, tão delicadamente retratado em deliciosas crônicas.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador | Tarcísio Gomes de Freitas

Vice-Governador | Felício Ramuth

Secretária de Estado da Cultura, Economia e Indústria Criativas
Marília Marton

Secretário Executivo | Marcelo Assis

Chefe de Gabinete | Daniel Scheiblich Rodrigues

Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico
Mirian Midori Peres Yagui

Diretora do Grupo Técnico de Coordenação do Sistema Estadual de Museus | Sofia Gonçalves

Diretora do Grupo de Preservação do Patrimônio Museológico
Luana Viera

Diretora do Núcleo de Apoio Administrativo | Regiane Lima Justino

Equipe técnica da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico

Angelita Soraia Fantagussi

Dayane Rosalina Ribeiro

Eleonora Maria Fincato Fleury

Marcia Pisaneschi Sorrentino

Marcos Antônio Nogueira da Silva

Roberta Martins Silva

Tayna da Silva Rios

Thiago Brandão Xavier

IDBRASIL CULTURA, EDUCAÇÃO E ESPORTE

Organização Social de Cultura

Conselho de Administração | Dalton Pastore Junior (Presidente), Matheus Gregorini Costa (Vice-presidente), Esmeralda Vailati Negrão, Fernando José de Almeida, Francisco Vidal Luna, Gustavo Norman-ton Delbin, Haim Franco, Julia Paccanaro Rosa, Larissa Torres Graça, Luiz Laurent Bloch, Mariana Lachner, Marina de Mello e Souza, Nelson Savioli, Silvia Alice Antibas.

Conselho Fiscal | André de Araújo Souza (Presidente), Raul Antonio Correa da Silva, Vicente de Paula de Oliveira.

Conselho Consultivo | Antônio Goulart dos Reis, Caio Luiz Cibella de Carvalho, Carlos Antonio Luque, Carlos Augusto Barros e Silva, Clara de Assunção Azevedo, Eduardo Alfano Vieira, Eduardo Machado Barella, Elizabeth Ponte de Freitas, Felipe Artur Pie Abib Andery, Hélio de Seixas Guimarães, Lígia Ferreira, Luiz Francisco de Sales, Marcos Ribeiro de Mendonça, Maria Luiza de Souza Dias, Mauro da Silva, Ophir Toledo, Waltely de Oliveira Longo.

Diretora Executiva | Renata Vieira da Motta

Diretora Administrativa e Financeira | Vitória Boldrin

Assessoria Museológica | Luiz Fernando Mizukami (Assessor de Museologia), Carolina Rocha (Assistente Técnica), Karina Macedo (Produtora) e Vilma Campos (Assistente de Diretoria)

Assistentes de Diretoria | Ellen Nicolau e Nayah Mendonça

MUSEU DO FUTEBOL

Diretora Técnica | Marília Bonas

Núcleo de Comunicação | Renata Beltrão (Coordenadora), Lívia Albernaz e Simone Hozawa (Analistas de Comunicação), Hugo Takeyama (Designer) e Domênica Luciano (Estagiária)

Núcleo de Desenvolvimento Institucional | Carolina Bianchi (Coordenadora), Ariana Marassi (Supervisora de Desenvolvimento Institucional), Carolina Gomes, Flávia Macedo e Mariana de Andrade (Técnicas em Desenvolvimento Institucional)

Núcleo de Exposições e Programação Cultural | Máira Correa Machado (Coordenadora), Abéssa Ramos, Flávio Benatti e Robson Mendes (Produtores)

Núcleo de Gestão Administrativa e Financeira | José Roberto Nascimento (Coordenador), Luciane Maringolo Vallilo (Analista Administrativo), Eduardo Zambianco, Elaine Fernandes Miralha, Everton Luiz Morelli Santos, Letícia Boregio, Manoel Nuriaga e Renata Alves Silva (Analistas Administrativo e Financeiro), Margarette dos Santos Sousa (Supervisora de Bilheteria), Elizandra Souza, Guilherme Felix Moreira, Kevin Alves Sousa e Osvaldo Rodrigues (Bilheteiros)

Núcleo de Gestão de Recursos Humanos | Paulo Silva (Coordenador), Andreza Lima, Joseane Barbosa, Karolina Ferreira, Thalyta Ramos e Sergio Lourenço (Analistas de Recursos Humanos), Arthur Catania e Daniely Sanches (Aprendizes)

Núcleo de Operações e Infraestrutura | Luis Marcatto (Coordenador), Rui C. Araújo Tucunduva (Assistente de Coordenação), José Izídio Silva (Assistente de Serviços Operacionais), Wesley Souza de Almeida (Assistente Administrativo), Carlito P. Santos, Douglas Peçanha, Jean dos Santos Silva e Jorge Ubiratan A. Santos (Auxiliares de Serviço de Manutenção)

Núcleo de Tecnologia | Felipe Macchiaverni (Coordenador), Anselmo Ricardo de Macedo, Diego Roberto Bueno, Eduardo Gomes da Silva, Luiz Felipe Montoni e Pedro Henrique de Araújo (Analistas de Tecnologia) e Gabriel Santos (Aprendiz)

Núcleo do Centro de Referência do Futebol Brasileiro | Fiorela Bugatti Isolan (Coordenadora), Ademir Massayoshi Takara (Bibliotecário), Dóris Regis das Virgens (Técnica em Documentação), Fabiana Neves (Assistente de Documentação) e Everton Cassimiro Apolinário e Marcel Tonini (Pesquisadores)

Núcleo Educativo | Marcelo Continelli (Coordenador), Débora Henrique de Oliveira (Assistente de Coordenação do Educativo), Emerson Prata (Assistente de Formação e Conteúdo), Cláudia Correia da Silva e Júlia Paccanaro Rosa (Assistentes Administrativos)

Ademir Alves Soares (Supervisor), Amaury Brito, Ana Pacheco, André Benazzi Piranda, Angélica dos Santos Angelo, Brunno Costa, Denis Oliveira, Denis Silveira, Isabela Rossi, Leandro Watanabe, Matheus Alves Vilela, Vinícius Leite, Yasmin Amorim (Educadores/as)

Amanda Freitas, Ana Pacheco, Anderson Novaes da Silva, Bianca Arocho, Carlos Garzin, Clodildes Maris, Danilo Garcia, Eduardi Sousa, Eliakin Couto, Gabriel Castro, Gabriel Silva, Ian Santana De Souza, Julia Guimarães, Julia Torres, Kayc Rabello, Laryssa Santos, Mauro Alves de Almeida, Nicolly Afonso, Patrícia Vieira Alves, Raul Montecinos, Sarah Costa, Stefano Volpini, Victor Cardillo, Vitória Ananias e Vinícius Amaral (Orientadores/as de Público)

CONCURSO DE CRÔNICAS DO MUSEU DO FUTEBOL

Coordenação geral

Renata Beltrão

2024 – A várzea e o futebol

Comissão Julgadora –

Cecília Farias

Júlia Belas

Júlia Rosa

Klaus Richmond

Nelson Nunes

Renata Beltrão

Parceria –

Revista Placar

2023 – As mulheres e o futebol

Comissão Julgadora –

Amanda Porfírio

Mariana Santos

Olga Bagatini

Renata Beltrão

Parceria –

Revista Placar e ONU Mulheres

2022 – Torcida

Comissão Julgadora –

Fábio Altman

Milly Lacombe

Renata Beltrão

Parceira –

Revista Placar

Projeto contemplado no Edital PROAC nº 40/2023 -
Eventos culturais / Produção e realização de mostra, festival,
conferência seminário ou premiação.

Esta obra foi composta em Sabon,
em novembro de 2024, para a
Editora Patuá e Museu do Futebol